



Octávio Brandão

A mineralogia  
e a geologia  
dos canais  
e lagoas

12 de outubro de 1917

**OCTAVIO BRANDÃO**

**A MINERALOGIA E A GEOLOGIA**

**DOS**

**CANAIS E DAS LAGOAS**

**12 de outubro de 1917**

## INTRODUÇÃO

Este meu trabalho é a continuação daquele que tive a honra de ler a 24 de fevereiro passado, diante de um auditório fidalgo e generoso. Vou falar agora em primeiro lugar sobre os minerais simples e compostos da região dos Canais e das Lagoas, mas não espereis que eu vá revelar a existência de minas de ouro ou prata. Estes metais valem muito e não valem nada, muito mais útil é uma mina de ferro ou um poço de petróleo. Depois, tratarei da geologia, isto é, da História da Terra, dividindo esta parte em cinco ciclos ou capítulos: no primeiro, descreverei a natividade daquela região; no segundo, a sua evolução; no terceiro, a fase atual; no quarto, falarei sobre as enchentes e o quinto ciclo será reservado para uma síntese.

Há mais de dois anos tracei um caminho a seguir, um esquema a desdobrar e tenho procurado cumpri-lo com o máximo rigor. Em torno dos Canais e das Lagoas, salvo seja, pretendo fazer uma série de conferências; esta é a segunda; as outras versarão sobre os vegetais, os animais, o passado longínquo e a alma contemporânea das populações ribeirinhas e lacustres em todas as suas manifestações, isto é, o misticismo medieval, o antropismo indígena e o animismo africano, englobados, originando superstições, horrorosos, costumes retrógrados, crenças idiotas, mas também quantas quadrinhas adoráveis, quantas líricas lendas lindas!

Para isso, tenho-me devotado com um desinteresse profundo e uma abnegação extraordinária.

Para isso, tenho mergulhado na alma da nossa natureza e na do nosso povo, mortificando-me com eles, sofrendo quando vejo a agonia dos “tabuleiros” ou a miséria em que vive a minha raça, pesquisando-lhes as verdades, inquirindo-lhes as belezas, sondando-lhes as ansiedades com o imenso carinho, o profundo amor e a vocação suprema que sempre tive pelos estudos nacionais.

Para isso, não tenho olhado e nem dinheiro, nem fadigas, fazendo até hoje 33 excursões, numa das quais andei 30 e tantas léguas a pé em 3 dias e meio, - um saco às costas e um bordão aos ombros, em trajes de vagabundo ou farroupilha, tomando apontamentos sobre tudo quanto os meus olhos viam, galgando serranias, mergulhando no âmago dos chapadões, irrompendo pelos matagais, afundando nos boqueirões bravios, desafiando as maretas lagunares em fúria, dormindo ao relento com o lençol do frio e o docel das estrelas no azul, através de mil acidentes e mil vicissitudes, na ânsia de – bandeirante moderno – querer escrever um másculo poema de energia sobre-humana, de exaltação lírica, de sonho impetuoso e de realismo profundo e cheia esta minha alma de uma fé tão alta e de uma esperança tamanha que para ultrapassá-las só encontro a fé dos Apóstolos quando, pelo mundo, partiram a espalhar a Boa Nova e a esperança que ilumina a alma dos velhos navegadores quinhentistas.

### **A MINERALOGIA**

Como se acaso fosse a molduragem multicolor de um painel esbatido em tintas alvas de águas esmaltínicas, toda uma ampla cinta de colinas calcárias envolve as lagoas.

Vem estas colinas pelo nosso litoral nortista, aprumando-se em barreiras rubras, alteiando-se admiravelmente nos estratos mesozóicos ou melhor cenozóicos de Jequiá da Praia, acompanhando a linha litorânea até as terras da velha cidade de Alagoas, onde recuam, dobram para o noroeste, contornam a Lagoa do Sul em toda a sua extensão e surgem (como a proa pintada a zarcão, e tauxada de malaquite de uma nau riquíssima e dogal) no espigão do Oiteiro, cingido de barreiras e coroado de verdes vegetações. Depois, as colinas, calcárias, salvo na curva da Ingazeira à Volta d'Água e na das Areias à Boca da Caixa, onde elas ficam no segundo plano, os baixios ficando então no primeiro, acompanham todo o destino vario dos canais. Marginam-nos. Assoberbam-nos. E emolduram-nos até a ponta do Cadoz onde novamente recuam para o noroeste, circulando a Lagoa Mundaú, repetindo num mimetismo psiográfico interessante, o “fácies” originalíssimo da Lagoa do Sul. Neste circuito, porém, ao querer fechar aquela, a série de colinas recua,

arqueia-se sobre si mesma, desarticulando-se como um malabarista, arredondando-se na vizinhança do Farol de Maceió, curvando-se para os lados do Poço e seguindo por este a fim de alcançar Mangabeira e Cruz de Almas, buscando as longínquas paragens opulentas do Amazonas.

Mas, levando-se por estes breves apontamentos, ninguém vá julgar que o circuito feito por estas colinas ao redor das nossas duas máximas lagoas, seja completo. Ele é interceptado em cima pelo vale de um rio e em baixo, por terrenos aluviônicos.

Senão, vejamos: as colinas calcárias seguem marginando a Lagoa do Sul até as terras do Oitizeiro, mas chegando ali, formam uma como que enseada orográfica através do engenho Lama, do Manaia, do S. Caetano e do Engenho Novo, onde são cortadas pelo vale do Paraíba. Então um extenso cairel, verde-escuro de serras bravias encaixilham-nas ao longe, formando o segundo plano, enquanto no primeiro as colas, depois de se fenderem, alteiam-se novamente, até que junto à cidade de Pilar adquirem uma tão vasta largura que se erigem em planalto, sobre o qual assenta a velha e abandonada “missão” seiscentista de Santo Amaro. Este vai ligar-se às colinas que unem os Gurjaús ao Oiteiro e que formam todo o vasto chapadão entre as duas lagoas.

Isto em cima; em baixo na Lagoa Manguaba o que se observa são baixos terrenos arenosos povoados de uma flora desértica, pelo meio da qual se encolhem pequenos povoados como Pedras, Porto Francês, etc., isto é, uma civilização morta a vasquejar nos braços de uma vegetação moribunda.

Ora, este dispositivo repete-se na Lagoa do Norte: uma série de colinas à direita e à esquerda, tendo o vale do Mundaú em cima e os terrenos aluviônicos da Levada, em baixo, na lagoa.

Tal é a configuração: a Lagoa do Norte a copiar integralmente a Lagoa do Sul, o Mundaú na primeira a fazer o papel do Paraíba na segunda, as colinas do Cadoz a Santa Luzia, repetindo as de Alagoas ao Oitizeiro, um mesmo debrum de serranias bravas ao segundo plano do noroeste, as colinas

das Pedreiras ao Farol de Maceió, copiando as dos Gurjaús ao Oiteiro, os terrenos aluviônicos da Levada reproduzindo os de Campo Grande. E o símile é tão perfeito que até as enseadas se repetem como a que fica adiante do Oitizeiro que é a mesma enseada do Saco em Santa Luzia do Norte, a curva do Lamarão que é a mesma das Pedreiras em Fernão Velho e a da Galhofa, a do Frechal.

É que estamos diante de um dos maiores plágios (ou melhor, auto-plágios) que a natureza talvez exausta de tanto conceber, praticou, filosofando que é mais cômodo repetir do que criar, reproduzir do que inventar.

Esboçada em traços vacilantes a diretriz das colinas calcárias que envolvem as duas lagoas e marginam o Canal de Dentro, pergunta-se: são mesmo colinas calcárias? São. Mas nunca se viu calcário tão impuro.

O giz às vezes aparece tão confundido com a argila que se torna difícil separá-lo. Outras, intercala-se entre duas camadas dela. Outras ainda, sotopõe e apresenta belos estratos. Adquire todos os matizes-branco, rubro, róseo, roxo e é em tão grande quantidade que chega a denominar um rio nos Paturais. (1)

A composição daquelas colinas é a mesma por toda parte – em Bebedouro, nas Pedreiras, no Pixaim, no Cadoz, nos Remédios, na Volta d'Água, na Ingazeira, nas matas do Assovio, na encosta do Oiteiro, nos Paturais, nas escarpas do rio das Pedras no Pilar, no Barro Vermelho em Alagoas: um giz argiloso, multicolor, geralmente em estratos horizontais, mas às vezes em linhas verticais e obliquas como num corte à margem do Mundaú, no lugar Pedra Grande.

Ora, de tempos em tempos, principalmente pelas invernias, durante as noites úmidas, quando a interromper o infinito silêncio geral da noite erma, há apenas o estridor monótono dos grilos ou a zurzidela imortal da ventania zimbrando as velas das canoas zorreiras, ouve-se alguma coisa como um tropel bravio, como uma cavalgada doida que esbarra de repente, como uma disparada furiosa, como uma invasão de bárbaros que estacam subitamente:

são as nossas “terras caídas; são as barreiras que desabam; são os paredões de colinas que, erodidos pelos ácidos, abraseados pelos reolitos, embatidos pelas águas das enxurradas, desgastados pelos ventos, contraídos pelo frio, dilatados pelos calor, não se sustêm mais e vêm abaixo tomando então um espetáculo belíssimo como nas Ruínas de Palmira em Olinda.

A erosão eólica e, principalmente, a erosão aquosa a desnudarem a Terra, a erguerem o seu vó de virgem inacessível, a despertarem o rubor que assoma às suas faces de barreiras rubicundas, a violarem a sua virgindade de noiva eterna à espera de um noivo artista que a exalte e que a divinize, a revelarem o seu mistério milenário...

E vendo esta ação erosiva do ar e da água, parece-nos que eles sentem uma infinita volúpia em desvirginar a Terra, em repetir esta violação a todo instante e a toda hora, cheios da insaciabilidade infinita das almas imortais...

Estas barreiras que desabam vão, depois, constituir um solo muito argiloso como no Cadoz e a argila que nelas se superpõe ao giz, quando em estado menos impuro, é utilizada para “caiar”: tal é o caso do ocre de Cardoso em Bebedouro. Serve também para tapar o “envarado” das casas, especialmente em Santa Rita, onde estas avultam com um aspecto bizarro proveniente das paredes de barro vermelho. Enfim, uma especialidade curiosa do giz: os habitantes do Pontal da Barra consideravam-no um manjar delicioso para isto, cortava-se o giz em tijolinhos que eram vendidos nas bodegas, aquele povo de geophagus ou melhor, cretopagos, sentia um prazer esquisito em comer esses tijolinhos. É tão estranho este requinte que não há ponderações bastantes que comentem. Hoje o número está diminuto devido aos conselhos do sr. cônego Antônio Tobias, da paróquia de Nossa Senhora das Graças, da Levada, mas, às escondidas, ainda há muita gente no Pontal que come giz.

Dada uma tão vasta distribuição dos calcários cretácios que mais outros minerais poderão se alojar por estas margens de Canais e de Lagoas? Muito pouco: uns quantos afloramentos de arenitos, uns tantos “matações” graníticos

em adiantado grau de decomposição; uns poucos reolitos também de granito que as águas rolam do seu “habitat” primitivo, uns quartzitos duvidosos, um “massapé” que é ainda um corolário dos calcários cretáceos, uns blocos limoníticos impuríssimos às vezes em afloramentos semelhantes à “menhirs” toscos e desbastados, uns “silexs” que certamente andam, como “almas perdidas”, vagando à toa por esses canais, trazidos das terras do Engenho Velho (entre São Miguel e Alagoas) pelos rios; uns folhelhos petrolíferos, e mais não sei.

O “arenito” ou “grez” aflora em tons brancos e róseos na Bica da Pedra onde há um belo espécime, o qual aparece à margem do canal. Cercado de lendas, solapado pelas águas, riscado pelos homens que ali andaram a esboçar um signo de Salomão e uns riscos que talvez possam ser designados pelo nome pomposo de inscrições, somente os “protocols viridis”, já ressequidos, lhe revestem a carcaça hedionda. É conhecido pelo nome de “Pedra Grande”. Na vizinhança, outros espécimes avultam mais enterrados na areia escura ou na argila rubra.

Em Santa Rita, na praia de Jibóia, onde se trava uma luta de titans entre a água, a terra e o ar, existem muitos arenitos de uma cor escura, carcomidos pelas marés e cheios de cavidades ao fundo das quais se amontoam seixos variados. Alguns desses arenitos ainda estão consolidando-se e têm inumeráveis “ripple-marks”, essas marcas ondulares que o geólogo John Branner encontrou em Cunhau, na costa do Rio Grande do Norte.

Na praia do Sobral em Maceió, vi uma pequena amostra de grez cor de chumbo, trazido provavelmente do Riacho Doce, pelas águas.

“Matacões” graníticos, de um belo granito róseo, encontrei no engenho Lama e no Oitizeiro. O rio das Pedras tem numerosos espécimes, porém já muito decomposto. Nos Gurjaús, tanto a dentro da lagoa como à beira da estrada, há numerosos matacões. Além destes poucos, vamos encontrar o granito ou no vale do Paraíba ou no do Mundaú. É que a região de Canais e das Lagoas se compõe somente de rochas estratificadas, quando aparecem as



ígneas ácidas, é em pequenos afloramentos ou então em reolitos, sem relativa importância, acarretados pelas enxurradas ou por outros fatores e muitos dos quais ainda em conformação; possuo alguns que vi no Broma, no Compra Fiado (Pilar) e em Santo Amaro.

Seguindo pela via férrea, de Maceió a Cachoeira (quilômetro 32), os primeiros granitos encontrei no povoado Carrapatinho, no quilômetro 18, um pouco adiante do riacho do mesmo nome e entre Fernão Velho e Satuba, são simples afloramentos à ourela da entrada que corta o povoado. Ficam ao pé das clássicas colinas cretáceas. Estão enegrecidos e deteriorados, afetando a configuração esférica, tão característica dos granitos esfoliados dos trópicos. Mais para dentro, à margem do caminho que conduz do Rocha à Satuba, vi um “boulder” de granito deteriorado elevando-se a quase um metro acima da flor do solo. Em terras da Satuba, um pouco adiante do quilômetro 20, achei o granito róseo esfarelado num grau adiantado de decomposição e sobrepondo-se a uns três metros de rochas sedimentárias. Perto encontrei vários espécimes de rochas cristalofílicas, eram uns blocos de “gneis” meio enterrados no leito de uma levada à margem direita da via férrea e sem importância, pois creio, foram conduzidos para ali, pelos trabalhadores da estrada de ferro. Num corte, quase no quilômetro 22, há seixos de granito róseo, não lá muito grandes, inseridos na argila pardacenta. Em Utinga, ora pelos baixios, ora subindo às encostas, existem diversos “boulders” de granito enegrecido e deteriorado. Num outro corte, antes do quilômetro 30, no lugar Pedra Grande, ex-engenho e olaria atualmente, vi seixos de um granito suspeito incrustados no barro vermelho, idem, antes do quilômetro 31.

Mas onde as rochas cristalinas avultam, não em “boulders” esparsos, mas em grande massa – ora em planos horizontais formando como que o leito de um gigante, ora em taludes ásperos por onde as águas escorrem, ora em escarpamentos feios por onde estas se despenham – é no álveo do Mundaú. Para quem sobe este rio, depois dos terrenos baixos, aluviônicos, ou depois das barreiras íngremes, para quem percorre este vale, onde as enxurradas, num arremesso de Tártaros, disparam doídos pelos “thalwegs”, ao

chegar às terras de Cachoeira, defronte esse dilatado ossuário granítico que se estende daí ao mássico de mil e duzentos metros da serra do Gigante.

Percorremo-lo todo esse vale desde a foz do rio até aquelas paragens encachoeiradas. Batemo-lo por todos os lados e fomos encontrar as primeiras rochas cristalinas ao seu lado direito, perto do engenho Satuba; são pequenos seixos de um granito duvidoso.

Adiante do engenho Mundaú com os seus parapeitos e o seu todo feudal que lhe dá um aspecto majestoso e nobre e onde a minha incurável “medievalite” em vão esperou que no alto das ameias aparecesse ondulando ao vento o véu de alguma loira e alva castelã, a dentro do “cercado” observei vários “boulders” de granito autêntico, cinzento e róseo, mas enegrecido e deteriorado.

No lugar Criminoso, no lado direito do rio, vi também o granito. Bem no leito dele, entre o Pereira e o Congú, e em frente ao quilômetro 28 da via férrea, encontrei duas pedras, uma das quais com uns seis metros de comprimento, aí o rio “Mundaú” é relativamente fundo e as pedras pareceram-me dois conglomerados compostos de muitos reolitos graníticos, uns, duro e enegrecidos no exterior, porém cinzentos ou róseos no interior e outros, completamente alterados, esfacelando-se.

Adiante, após tão numerosas curvas que parece que a estrada líquida não terá fim, no lugar Pedra Grande, onde o gemido convulso da velha cancela do engenho abandonado não mais esquecerei, no Porto da Munguba, também diversos matacões graníticos. Perto dali, ao lado direito do rio, no corte de uma pequena via férrea da Usina, no meio do giz argiloso, achei muito granito cinzento, e algumas amostras de feldspato quartzoso. Pouco depois, no lado de um pequeno riacho, vi muito semi-quartzo branco.

Mas todas estas pedras marcam apenas as terras de transição entre as rochas sedimentárias do litoral e as genuinamente cristalinas do interior. O

verdadeiro “habitat” destas, como já disse, fica em Cachoeira. Ali aparece não somente o granito mas também o “gneiss” e o granito gnaissico.

Os “quartzitos” ou formados pelos arenitos, ou trazidos de paragens longínquas, são encontrados sob a forma de pequenos seixos nas cavidades do grez da Jibóia, uns são brancos, outros são de um branco levemente lilás. Há também misturados com a areia do solo dos Remédios, alguns seixos de quartzo em formação.

O “massapé” constitui a maior parte do fundo da Lagoa do Norte, certamente é a mesma das margens do Mundaú, que este rio vai lançar naquela lagoa. As coroas de terra são também formadas de massapé que se sotopõe a uma mais ou menos ligeira camada de areia ou limo.

Em certos lugares, aquele produto da decomposição dos calcários cretáceos quase que constitui a totalidade do solo: tal é o caso do Lamarão cujo nome já por si denota os inumeráveis lamações provenientes do massapé (porque eu creio que não precisa dizer que o massapé é o pai do lamação). Tal é o caso também do engenho Lama e o do Siri da Satuba. Neste, o massapé avulta consideravelmente, a travessia desse lugar durante as invernias é uma coisa horrorosa: o barro cola-se e enrosca-se ao redor dos pés como um polvo visguento e frio. A chuva cai, impiedosa. E a nossa alma parece que sufoca mergulhada no lodaçal. Os “camalhões” arrasam a marcha e os socavões são incontáveis. Um sabbath infernal de sapos numa tomada monótona de derviches a cantarem em louvor a algum Deus bárbaro, róseo no silêncio imortal da noite negra. O céu é como uma abóbada de zinco – baça, despótica, cinzenta. Rente ao raro resplendor zodiacal de alguma estrela perdida na opacidade zincácea e infinita da noite sem luar, os montes longínquos, em corcovas coroadas pela verdura zimbral dos bravios matagais, parecem estáticos, como que mergulhados em um Nirvana-beatífico, inefável, aniquilador. Os vaga-lumes com a sua lírica luz azulescente, aos olhos do nosso misticismo incorrigível, dão a idéia de “almas penantes” que tomaram a forma dos fogos fátuos para andarem ao léu do vento e para tentarem as nossas pobres almas pecadoras. E ao vê-los, instintivamente lá vem do íntimo

do nosso ser como uma coisa esquecida e importuna, alguma velha oração aprendida em crença. Creio que não poderá haver suplício maior do que atravessar o Siri em noite de inverso, com chuva e ventania, como aquela na qual o atravessei após uma jornada de muitas léguas. Deus sabe com que cansaço, com que agonia!

Vi também o massapé no caminho de Santo Amaro, em certas várzeas no interior de Santa Rita, nas ribanceiras do Reginaldo e em certas partes do leito arenoso do Rego do Suassuna, em busca de Águas Férreas.

Na Satuba há numerosas olarias onde o massapé é queimado, a fim de serem obtidos os clássicos tijolos. Um pedaço destes, já desbotado, mas bem curisso, encontrei no “Félix Bandeira”, cheio de concreções de molúsculos e apresentando uma semelhança tão grande, que à primeira vista, se confundiria com o grez de Beau-champs. Presta-se admiravelmente, o massapé, a confecção de vasos para flores, na Ponta Grossa; na rua de Santa Tercila, mora um artista obscuro por nome Nelson Barbosa de Souza que, pintando sobre eles paisagens alagoanas, dá uma certa vida e faz com que o massapé imite a louça de boa qualidade. É uma arte genuinamente alagoana que se esboça e que mereceria o auxílio dos poderes competentes.

A “limonite” anda a “bamburro” por estes Canais e por estas Lagoas afora. É encontrada ora em pequenos reolitos inumeráveis, ora em blocos que afloram à superfície do solo. Às vezes é em tão grande quantidade que chega a tingir não somente os pequenos seixos de semi-quartzos e os molúsculos, mas até os próprios e “minadores”... molúsculos – como um do gênero “anodontites” pertencente à minha coleção, à qual, como submissa homenagem, dei o nome do meu tio pela matéria e do meu pai pelo espírito – o Sr. Dr. Alfredo Brandão.

O Bebedouro, por exemplo, em certas partes, tem uma cor extremamente ferruginosa. O riacho das Goiabeiras, idem. O engargantado Reginaldo é um horror; ali, os pedaços de limonite compacta e os glóbulos esferóides de limonite pisolítica amontoam-se no fundo dos boqueirões. Num destes, já perto da nascente que fica no Poço Azul (adiante dos Areiais e do

Rego do Pitanga, puxando para o “tabuleiro das Maricas”) que antes deveria se chamar Poços Verdes, pelo esverdeamento de diversas águas paradas onde uns magros novilhos vão beber, encontrei um pedaço de limonite, extremamente curioso, parecido com um castão de bengala, faz parte da minha coleção.

Mas onde a limonite avulta consideravelmente é em Águas Férreas para dentro de Cruz das Almas; nunca vi tanto reolito limonítico esparso. Tanto ali como um pouco atrás, no Rego do Suassuna, o óxido de ferro idêntico ao do Reginaldo, aparece nas encostas e nos altos, porém jamais pelos vales. As enxurradas escavam e desgastam-no. Em algumas barreiras frente ao mar ou no alto de alguns calvos morros arredondados, a limonite mistura-se com o giz e com a argila vermelha, num baralhamento infernal. A sanguínea e os renhos concrecionados da hematite escura ou limonite fibrosa aparecem também. Igualmente vi limonite sob a forma de seixos, em Coqueiro Seco, na subida da chã e sob a de pedras solapadas, de envolto com o giz, nas camadas estratificadas de um grotão horroroso que vem terminar no caminho em direção ao Cadoz, idem nos Remédios, no pendor da ladeira que sobe para a capela, idem, à margem da Volta d'Água. O Broma nasce num pântano ferruginoso. Os numerosos “minadores” da Bica da Pedra têm uma cor amarelada característica. Na grotta do Assovio há grandes lajedos, talvez de óxidos de ferro em decomposição, cavados pelas águas; alguns tomam formas estranhas com as suas saliências e reentrâncias.

Depois do Assovio, fui encontrar limonite na Galhofa, daí a “Coleção Dr. Alfredo Brandão” possui um espécime interessante, análogo a um outro que encontrei no Frechal: um conglomerado a assentar sobre uma camada de limonite-dupla coincidência pois, como já mostrei atrás, se fosse possível uma superposição da Lagoa do Sul sobre a Lagoa do Norte, notar-se-ia que a curva da Galhofa corresponderia à curva do Frechal.

O rio do Cobre é muito ferruginoso. Na subida do Compra Fiado, no Pilar, há alguns reolitos limoníticos. Idem, em blocos, no banho das Marrecas. Tanto aqueles como uns outros que achei no quilômetro 16, num aterro da via férrea,

entre Fernão Velho e Satuba, misturados com o óxido escuro terroso e talvez com a sanguina e a hematite, julgo, foram conduzidos do seu lugar primitivo. Um pouco adiante deste lugar, num corte após o caminho que conduz à Capela da Divina Pastora, vê-se em cima, uma argila pardacenta, no meio um leito horizontal de reolitos brancos e em baixo, uma camada de limonite.

O destino deste óxido de ferro é servir em certas partes (como na Bica da Pedra) de alicerce às edificações, portanto, executa, por essas paragens de rochas estratificadas, a missão do granito.

Os ronhões de sílex que encontrei pelos canais não têm importância; com certeza, foram acarretados pelas águas do Sumaúma Mirim que os lançou no Sumaúma Grande e este na lagoa, a qual espalhou pelos canais.

Nos terrenos baixos, aluviônicos, mal aflorando das águas, predomina a sílica (2) ora alva, na vizinhança do mar como na praia do Pontal da Praia ou no caminho do Porto Francês, ora em tons pardos como no fundo dos rios, ora escura como no interior de Santa Rita, na várzea dos Remédios ou na ponta do Camurupim, onde aparecem no seio da areia pequenos grãos de quartzo em formação, ora ainda mais escura como na Casa da Pólvora em Maceió ou no caminho entre o Trapiche e o Pontal, onde então se apresenta muita impura, misturada com o óxido de ferro, argila, detritos calcários, etc. Nas encostas, como já disse atrás, o que predomina é o giz, ora brando, ora mais duro, de envolto com a argila ou incrustado nela. Nos planaltos, a argila em tons menos vivos do que nas encostas, mas fazendo-se uma abertura maior ou menor, encontrar-se-á o giz e muito abaixo deste, o clássico pedestal de rochas plutônicas.

Em alguns lugares, há terra vegetal, mas não é comum. A água nos canais como nas lagoas é mutável, branca, em geral, barrenta, pelas enxurradas nas invernias, verdes, em certas partes onde as algas, o capim salgado, os musgos parentes de “funaria higrométrica” ou outros vegetais aquáticos, formam o fundo, parda, quando reflete a areia que assenta em baixo, como na Boca da Caixa.

Os “folhelhos petrolíferos”, já não falando do “wavecutbench” de Maragogi, dos “black-shales” do sítio Camacho, de Japaratinga, de Porto de Pedras e do Riacho Doce, que foram muito bem estudados pelo dr. John Branner (3) mas que não fazem parte da região dos Canais e das Lagoas, aparecem à margem do riacho da Volta d’Água, um pouco antes e um pouco depois do quilômetro 28, na Utinga e num escarpamento, no leito do Broma, aqui as superposições são idênticas às encontradas a 2 quilômetros, ao sul do Morro de Camaragibe, apenas em menores dimensões. É um folhelho argiloso betuminoso impuríssimo, em pedaços duros, de um cinzento escuro, desprendendo ao ser queimado um forte cheiro fuliginoso. Tem uma consistência coriácea. Na Volta d’água é mais tenro e de um escuro cor de chumbo, quase kermes ao passo que na Utinga é amarelo e muito argiloso. Peixes fósseis por um perito em mineralogia referidos à época secundária, provavelmente ao cretáceo superior, mas que talvez sejam com mais plausibilidade da terciária eocênica inferior, foram encontrados entre duas placas do folhelho do Broma, não os vi, mas pelo que aquele perito me informou, julguei-os idênticos aos que David Starr Jordan (4) encontrou no Riacho Doce – fato que corrobora a minha opinião.

O que descobri entre duas camadas daquele folhelho foi uma pequena criptogâmica, vizinha dos briófitos ou musgos e pertencente à família das charáceas, gênero nitella, denominei-a “nitella bremensis”. Tinha uns cinco centímetros de comprimento por um milímetro de diâmetro e era dessa cor escura resultante do deterioramento das partes verdes dos vegetais. Possuía dois verticilos alternados que por sua vez se verticilavam, as extremidades da planta eram muito finas e a simetria, perfeitamente bilateral.

Um empregado meu, julgando que não era nada, lançou fora o folhelho e a nitella.

Quanto ao seu valor para caracterizar os terrenos, é minuto; as charáceas aparecem desde o secundário triássico. Se fosse um briófito, o valor

seria grande; revelaria que aqueles terrenos do Broma são com efeito do terciário eocênica inferior.

Posteriormente a isto, em recentes escavações nos folhelhos daquele escarpamento atrás, encontrei diversas espécies de peixes fósseis. Entre estes consegui classificar um, o qual apesar da cabeça ter se partido, entretanto muito dos caracteres concordam com os do “*dastilbe crandall*”, que Jordan encontrou no Riacho Doce. Por exemplo: o corpo é alongado, o dorso é menos giboso que o ventre, este é arredondado, a barbatana dorsal mediana é curta e alta. Num outro espécime, a cauda é profundamente forquilhada. Idênticos, encontrei alguns outros, mas somente em fragmentos, num dos quais é do folhelho do riacho da Volta d’Água. Todos eles fazem parte da “Coleção Dr. Alfredo Brandão”.

Ora, estes fósseis mostram a analogia geológica entre os folhelhos petrolíferos do Riacho Doce, do Broma e da Volta d’Água, indicando portanto que datam da mesma época, isto é, do terciário eocênica inferior. Isto é muito importante.

Creio que uma mesma camada subterrânea de folhelhos dilata-se em grande extensão pelo nosso subsolo, aflorando aqui e ali. Creio mais que o folhelho do Broma passa por baixo dos canais, das lagoas e dos vales e chapadões, indo ligar-se aos mundos de rio do Cobre, Porto Francês, Garça Torta, Utinga, Riacho Doce, Japarutuba e Maragogi. Creio finalmente que não precisa insistir sobre a abertura de poços de sondagens que irão extrair o petróleo do Broma, da Volta d’Água, etc. A idéia é tão poderosa que está a ressaltar destas linhas. Já é tempo de abirmos os olhos para as nossas riquezas e confiarmos antes nelas do que nos clássicos empréstimos indecentes ou nas promessas falazes dos nossos pretendidos irmãos latinos ou amigos britânicos que afinal não passam de sangue-sugas insaciáveis.

Há tempos não pude deixar de ter um sentimento de altíssimo orgulho e esperançosa confiança no porvir glorioso da minha terra, ao ler as linhas seguintes resultantes dos trabalhos de Boverton Redwood e citadas na obra



conscienciosa de um sábio americano: uma tonelada dos folhelhos do Riacho Doce, destilada, produziu 44.73 galões de petróleo bruto; uma tonelada deste petróleo produziria, com maior razão, mais calor do que 2 toneladas de carvão de pedra! (5)

Ora, isto que parece uma asserção de fantasista, uma escapadela de poeta pelo Reino do Sonho, é, entretanto, uma conclusão científica nestes tempos nos quais o alto preço do carvão de pedra poderia batizá-lo com o nome de ouro negro.

Nós todos andamos desvirtuados desta terra gloriosa; desvairamos há quatro séculos. Durante este período o que temos feito é complicar a tarefa do porvir.

Temos, é verdade, inimigos exteriores, mas os maiores inimigos vivem dentro da nossa terra.

Somos um povo de retrocessos: moralmente, a ampliar a decadência romana; literalmente, a copiar o bizantinismo; religiosamente, a repetir o misticismo da Idade Média. Perdemos-nos em discussões estéreis, em falácias rolas, em discursos balofos.

A maioria dos literatos patricios isola-se da nossa natureza imortal, formando um núcleo idêntico à antiga cidade Tiberíades, falsa, impatriota, em estilo estrangeiro, dentro da paz idílica, da glória incomensurável, da mansidão divina, da doçura cristã, da beleza hiperdúlica das eiras e casuais e vinhedos e lugares da Galiléia.

Reproduzimos em pleno século XX, a epopéia bárbara dos Bandeirantes ancestrais. Temos o instinto da devastação.

Com esta nossa natureza tão rica e tão prodigiosa, só o homem é infeliz. Com este sol tão divino e de uma alegria tão excelsa que agora mesmo, ao escrever estas páginas, está tremendo sobre essas largas laudas de papel

onde o meu pensamento acusador e revoltado esboça o imenso poema que se agita no meu cérebro, com as nossas florestas, entoando um eternal e exaltador hinário à fartura gloriosa, com as nossas lagoas como ampulárias divinas a guardarem o sonho, a beleza e a fecundidade, com a sinfonia que nos vem do cinzento arsenical dos horizontes cantando a alegria das terras além, só o homem é triste e desconfiado.

Vivemos cheios de brumas, num país de sol, cercados de fantasmas, num país de luz.

Só a natureza é vária, perfeita, castiça, risonha, profunda, mas o homem vive afastado dela.

Outrora, a consciência da nossa miséria era tal que íamos nos esconder do sol-pai da alegria e afirmador do prodígio e para que ele não visse os nossos cancros, fazíamos as casas pelo solo à dentro, como toupeiras. Hoje nem mais existe essa consciência. Perdemos-la. E não nos envergonhamos quando a luz astral do caráter e do patriotismo bate em cheio nas nossas postulas morais.

Vivemos numa perpétua inconsciência da vida, num estado marasmático, estúpido, aniquilador. Somos uns nirvanizados dentro da vida.

A luta é o estado primordial e primacial; letargia é sono, é morte. Que não haja repouso no universo. Tudo vive, isto é luta. Há guerra no ar, na água, na selva. Repouso é preguiça, é torpor, é água parada. Que ele exista, mas somente após a luta.

O nosso país é um plano inclinado. Não é uma montanha que vamos subindo, é uma encosta que vamos descendo. É um despenhar de nacionalidade. É quase um naufrágio. É um sossobra.

A terra está a apontar o caminho ao homem. Teremos que ser um povo de industriais, de comerciantes e agricultores, não de soldados, isto é, de almas cativas, desvairadas, inconscientes.

Semear a semente do espírito é o mesmo que espalhar a idéia. Sejam estas linhas a semente e a idéia que façam convergir para as nossas riquezas e atenção dos homens de boa vontade. Que elas, porém, não sejam um clamor no deserto.

Acabemos com a nossa inércia; desistamos desse amor exagerado pelo estrangeiro em troca de um desprezo generalizado pelas coisas nacionais; estudemos a nossa sinfônica natureza, infinita e imortal como os seres e as coisas perfeitas – as paisagens silentes e os cenários das duas lagoas alagoanas, as folhagens silentes e os cenários afins das duas lagoas alagoanas, a folhagem sem par dos visgueiros como asas verde-escuras voando pelo azul, um ocaso a ourela d'águas lagunárias, quando o ouro do sol mareia e quando o pio das lavadeiras e jaçanãs é como uma ouverture divina e sinfônica e preludiar a opera imortal da beleza do poente, os chapadões vastíssimos, o oceano atrás da praia como um doido atrás das grades de um hospital, a voz dos áureos astros tremendo mergulhados na geleira do luar; os meus nervos sentido os sóis vibrando pelas amplidões... os meus nervos-cordas desta minha harpa ideal, raios deste meu sol, o pensamento.

Que o padre-nosso de cada dia seja uma exaltação ao labor suarento. Que o sol de cada instante seja o ressurgimento da Terra-Mãe. Veremo-la em todos os sentidos. Descubramo-la, pois ela é a terra inupta, a terra virgem, a terra infante, a terra a desbravar.

Levante-se, pois, a minha voz-pequenina, pela posição de onde se eleva, mas poderosa pela fé que a exala, pelo ideal que a anima, pelo sonho de esperança num futuro glorioso que a robustece, pela convicção que a exalta e ressoa – bravia, torva, bárbara, vibrante-poema de mocidade e rebeldia – por cima de todos os alagoanos e sobre as suas cabeças caia impiedosamente e

acusadora, mas ao mesmo tempo fervorosa e confiante, como um libelo impetuoso e um canto de esperança...

Enfeixemos estas páginas dispersas. Um ponto final neste ligeiro ensaio sobre mineralogia.

A região dos Canais e das Lagoas poderá ter outros produtos mineralógicos, tanto simples como compostos (que aqui fui obrigado a englobar num mesmo capítulo), mas os meus poucos conhecimentos da matéria, que além de vasta é difícil, não permitem que eu passe além.

Não fiz sondagens pela terra adentro mais do que as que executei em espírito a evocar o aspecto primitivo dessa tão nossa natureza. O único instrumento que tive, foi um lápis velho a tremer sobre as páginas de um caderno de notas. Os companheiros únicos, para trocar idéias, disfarçando assim a uniformidade infinita e o cansaço medonho das longas jornadas, a pé, sempre foram simples homens do povo, ignorantes e crédulos.

Demais, não sou uma enciclopédia; sou apenas um pobre seribeiro, um ilhéu, nascido acidentalmente em terra da Viçosa; a minha missão é apenas esta: glorificar a terra e censurar os homens que a não compreendem. Dizer algumas verdades sem receios as conseqüências, porque se eu não as disser hoje alguém as dirá amanhã, pois não há chicote, nem paredes negras de enxovias, nem calabouços úmidos, nem opressões malditas, nem tormentos, que façam calar as almas verdadeiramente livres, que consigam afixar um ideal que sufoquem os gritos dos rebeldes e a revolta dos iluminados, hiena tímida, chacal à espera, besta de carga, animal de trela, não é leão no deserto.

Lembrar aos meus irmãos que nasceram legítimos e depois pela falta de caráter e patriotismo se tornaram espúrios; a esses bastardos sem ideal, a esses libertos sem liberdade, lembrar que são uns filhos que renegaram a própria mãe, desvirtuados da grandeza vindoura do seu ninho maternal; eis a minha missão.

Temos graves crimes no passado com algumas páginas belíssimas que os atenuam, porém que não os fazem desaparecer. Lutemos, pois, e com o trabalho no presente e a glória no porvir saibamos apagar tudo quanto de nojento ou hediondo existe na nossa história. Fechemos os olhos para o passado e os abramos para o futuro, cheios de miragens magnéticas e magníficas, sonhando com esta nova chama ideal que há de surgir quando o homem andar de braço dado com a terra... Chama... Chama... ó quimera, ó sonho, ó ilusão, ó ninho esperança de revoltado, ó divina visão luminosa, imortal e consoladora para a alma dos tristes eleitos, para a alma de todos aqueles que estão vendo o naufrágio da sua nacionalidade, o soçobrar dos seus sonhos a estrebuchar dos seus ideais... morrendo, vasguejando, na última agonia, no último estertor, na convulsão final – ó minha pátria moribunda, quase morta... morta... morta...

## **A HISTÓRIA DA TERRA**

A História da Terra é essa história multiforme, varia, apocalíptica, cujos fastos, foram escritos nas taboas cronológicas dos sedimentos e dos putrefatas.

Fecha-se num grande circuito milenário que vai desde a fase primacial da condensação do globo solar até os nossos tempos psicozóicos, durante os quais foram formados os sambaquis e as urnas funerárias. Fechar-se-á talvez? Não. Ela continua a perdurar eternamente até os nossos dias e muito para ale deles, pelos séculos afora.

Nunca se viu ciência tão cheia de milênios e tão cheia de conclusões que mais parecem escorregadelas de portas, escapadelas de idealistas do que deduções rigorosamente científicas.

Aqui, é um rio que se lança num lago, mas que, no entanto, outrora, era um tributário do mar. Ali, era um canal que comunicava dois oceanos e que se transformou, após o levantamento de uma cordilheira vulcânica, num rio colossal. Além são continentes desaparecidos que emergem pelo simples

poder da palavra do geólogo, são ilhas que afloram durante uma erupção e, após outra, desaparecem na voragem das águas e no turbilhão dos vulcões.

Tal é a história. Tal é a terra que a originou. Bárbara e humana, piedosa e hedionda, enigmática, paradoxal, assim toda cheia de contrastes.

Ora, primitivamente, o mar cobria tudo. Nem ave, nem planta, nem pedra, nem ser humano, nem espírito algum, pairava sobre o deserto. Era a solidão sem par e sem fim... água... água... o deserto e nada mais.

Mas uma manhã (porque eu creio que a natividade da terra só se poderia dar em manhã risonha), como um canto de amor e de esperança, como “procelárias” vindo à tona em mar alto, em consequência de um levantamento, surgiram do seio das águas numa ascensão imortal, os primeiros cachopos de terra futura. E atrás destes, vieram outros. Outros e mais outros. E a terra foi se formando e as restingas tornaram-se penínsulas e as coroas transformaram-se em ilhas e as ilhas em arquipélagos e os arquipélagos em continentes.

Mas às vezes fendas abismais abriram-no no dorso da terra; então as águas invadiram estas fendas e ali se travava uma batalha de ciclopes entre a terra, o fogo e a água; havia convulsões titânicas que eram os terremotos e o peito da terra arfava em levantamentos e cavava-se em depressões e surgiam os vulcões – essas narinas por onde escorre o ranho telúrico.

Conflito grandioso e estupendo das forças naturais! Paradoxo curioso: os elementos lutando ente si, mas congregados num mesmo ideal, numa mesma aspiração – a de formar a terra!

Como, porém, após a revolta vem a calma, chegou enfim a paz relativa, consolidou-se o universo.

Nasceu, então, o primeiro organismo – o “eozoon” talvez; era em verdade uma aurora. E vieram as esponjas. A primeira estrelada “astréa” estrelajando

na brancura noival das praias. A primeira “bucanela”, o primeiro verme, a primeira cigarra, a primeira “acidália”, a primeira flor, a primeira mulher.

Ora, é o que quero fazer, aplicando o meu pensamento às lagoas: como a terra surgiu, como foi crescendo, como chegou a fase atual.

Talvez o cérebro não me acompanhe no vôo. É alta de mais e a visão precisa ser profunda de sobra.

Valha-me pelo menos a coragem e a ousadia de tê-lo empreendido (esse vôo) cheia a alma desta fé que cria um poema, aventura-se a uma navegação e exalta uma nacionalidade.

### **CICLO PRIMEIRO**

Do silêncio infinito e da treva estupenda do mar siluriano – esse mar que, no período paleozóico, cobriu não somente os vales e os chapadões da América Meridional, mas talvez o universo inteiro – surgiram algumas ilhas como pontos perdidos, como seres ainda na indecisão entre a vida e a morte.

Eram antes os cabeças das serras das Guianas, da cadeia marítima da serra do Espinhaço e da cadeia goiana que naquela época não passavam de montanhas submarinas já existentes desde os períodos huroniano e laurenciano.

Por esse mesmo tempo, na sua rigidez profunda de ídolos grosseiros, toscos, primitivos, elevavam-se os maciços polares da Groenlândia.

Por essa mesma época, aflorou o colossal “cuscus” da serra Dois Irmãos e algumas outras rochas arqueanas de Alagoas, entre as quais o granítico pedestal que suporta as rochas sedimentárias do litoral e que hoje só aparece à superfície, devido ao poder desbastador das forças erosivas, porém que, entretanto, outrora se elevava a muitos metros acima do solo, ocupando o lugar

das atuais colinas de giz argiloso. Então as lagoas eram vales submarinos onde a sinclinal era muito mais profunda pois foi aterrada pelo massapé.

Deu-se portanto um levantamento no seio da terra onde se desenvolvem térmicas ações metalúrgicas e metalocênicas, o fato da elevação de um bloco montanhoso, ou devido ao aquecimento do interior pastoso da terra, ou devido a pressões insólitas ou à isostasia que o geólogo norte americano J. D. Dana esboçou em páginas memoráveis, poderá ser extraordinário, anormal para os nossos tempos nos quais a terra vive numa serenidade relativa, mas não será anti-natural.

É que o ar que se respira na orogenia não é o mesmo da Sala dos Cavaleiros na capital da Holanda, não é a paz, é a guerra, é a hecatombe.

Houve, por certo, um levantamento por essas nossas paragens lagunárias. Que esforço orogênico estupendo para elevar titanicamente aquele pedestal granítico – será difícil avaliar mas, com toda verossimilhança, esta ação enérgica nada foi diante daquela que fez irromper do seu mistério milenário a cordilheira do Himalaia.

Creio que, quando se deu o levantamento do pedestal granítico das lagoas e das corcovas da serra Dois Irmãos, igual fato sucedeu com os picos da Mariquita em Camaragibe e com a chapada da serra da Barriga em União, chapada que me parece idêntica aos planaltos do Limousin na França, da Boêmia na Áustria e da Finlândia na Rússia – isto é vestígio de uma montanha colossal derruída por erosão. O que para o geógrafo é um planalto, para o geólogo por vezes é um indício de montanha.

Foi assim que se deu a natividade da região dos Canais e das Lagoas, talvez numa manhã risonha dessas eras primitivas.

Surgiu sem véus, sem vegetações, nua, com todo o seu esplendor bárbaro, com toda a nudez divina de uma Vênus prodigiosa emergindo das espumas marinhas. Surgiu para a maior glória do ser humano, para a maior



exaltação das almas artistas, para o maior deslumbramento dos sábios e para a maior emoção deste meu cérebro, cheio de vertigem de um passado tão milenário (cujas primeiras noções me foram ministradas pelo imoral Ch. Hartt e por este outro homem extraordinário, o geólogo John Branner), a recuar diante de conclusões que mais parecem sonhos apocalípticos sonhados às horas mortas de uma noite sabática por um doido arrebatado numa visão mais grandiosa, estupenda e infinita do que as mais trágicas visões geniais de Dante...

### **CICLO SEGUNDO (A Evolução)**

Nascida, a terra tinha que evoluir. Ou evoluir ou ser eliminada, era fatal.

Evoluiu.

Mas que seriam durante o siluriano os quatro ou cinco principais cabeços das serranias arqueanas de Alagoas, no meio de uma vastidão líquida e revolta, quase infinita?

Por isso, a esses cachopos perdidos encostaram-se diversos facos, alguns goniatites e muitos crinoides. As diatomáceas vieram depor os seus esqueletos silicosos. As sérpulas, suas conchas calcárias. Os foraminíferos, suas carcaças. E os lírios do mar – esses crinóides que já citei, suas hastes. Todos trabalhavam até mesmo os microscópios espículos das esponjas.

E talvez quando a ilha de Fernando de Noronha – esse vulcão submarino – estava em plena efervescência e quando as rochas eruptivas coroavam as alturas da terra de Apucarana no Paraná e um vasto lençol de rochas ígneas cobria o Estado de São Paulo onde mais tarde assentou o arenito de Bauru, a terra brasileira continuou a emergir, cheia de esperança, aqui e ali – no São Francisco, no paredão da serra do Tombador na Bahia, no rio Trombeta no Pará.

Quantos milênios esta evolução gastou? Quem sabe? Naquela época siluriana, dos Andes – hoje tão cheios de “nevados” e lagunas, “chinchilas” e “vicuñas” – nem havia vestígio. O rio Amazonas era um largo canal entre as serranias das Guianas e as do Brasil, ligando o Atlântico ao Pacífico, sem solução de continuidade.

Ora, sobre a época siluriana rolaram muitas outras: a devoniana, com as suas trilobitas bizarras como no grez do Ererê e durante a qual foram consolidadas as plissuras caledonianas, a carbonífera, com as “fusulinas” espiraladas, contemporâneas da cadeia herciniana que ia de Sevilha ao Ural, a Permiana com as suas plantas fósseis como as dos arenitos de Estância e Penedo, o triússico, a “terra roxa” do sul, hoje tão própria para os cafeeiros e coeva da alagoana “ritella bremensis”, o “trapp” de São Paulo, talvez jurássico e o período cretáceo representado pela bacia de Maroim em Sergipe.

Chegamos enfim ao período cenozóico, à época terciária eocênica. Deu-se então o sucesso geognóstico estupendo do levantamento da cordilheira andina. O Amazonas, ficando encurralado, só teve que recuar e do canal primitivo nasceu o rio gigante. Extravasou-se, ampliou-se, derruiu as barrancas, abateu as escarpas e começou a solapar a grande cordilheira para construir a sua várzea infinita. Destruiu aqui para construir além.

Contemporâneo a isto, deu-se na Europa o nascimento dos Pirineus e dos Apeninos.

E quando os Andes surgiram e nasceram as “mazzalinas” fósseis de Maria Farinha em Pernambuco e os peixes eocênicos do Riacho Doce, do Broma e da Volta d’Água existiram, então principiou a sedimentação dos esqueletos calcários dos foraminíferos sobre o pedestal granítico que marginava as lagoas e se internava pelo interior do nosso Estado.

Sabendo-se que existiram muitos milênios entre o afloramento deste pedestal (que, como já disse, se deu lá pelo siluriano) e a época terciária eocênica, verificando-se que ele era muito mais alto tanto que, em lugar de

ficar ao subsolo como atualmente o é, se elevava a grande altura, conhecendo-se que houve uma erosão profunda, como ainda hoje os “bouders” tanto do vale do Paraíba na Serra Dois Irmãos, como do vale do Mundaú no Carraparinho, na Satuba (cujo granito possui uma velhice incontestável), na Utinga e em Cachoeira, revelam, pois me parece que esses “boulders” esfolhados e desintegrados da massa primitiva caíram do alto e, não se poderá imaginar com que estrondo, vieram rolando e não se ignorando que no terciário eocênico, no andar ludiano, houve uma superabundância de foraminíferos, que, como se sabe, são os animais geradores do giz, não se terá nenhuma repugnância em admitir que, primitivamente, as lagoas eram marginadas por montes graníticos os quais durante milênios foram erodidos e, portanto, diminuídos em altura e sobre os quais assim deprimidos, foram depositados os sedimentos calcários que ainda hoje encontramos.

Tal foi a evolução: o giz argiloso das colinas atuais sedimentou-se sobre uma velha base granítica que era muito alta, mas que foi deprimida por erosão. Os blocos graníticos de Cachoeira são os restos das antigas serranias de rochas cristalinas, aquilo é uma velha ossaria, é uma velha carcaça.

Mas aquela sedimentação dos foraminíferos só se poderia dar em águas pouco profundas; por isso, é lógico supor que o oceano – o qual representou um grande papel erodindo o pedestal granítico e avançando contra ele até que o mergulhou – mal cobria esse pedestal. Era água rasa.

Enquanto, porém, os foraminíferos iam se depondo, na trabalhadeira gloriosa e imortal de construir as colinas atuais, o mar ia solapando os terrenos já formados para com eles aterrar os profundos vales submarinos das lagoas.

Os nossos “tabuleiros” como o do Pinto e o das Maricas, ainda hoje dão a idéia de lugares por onde as vagas andaram aos repelões, embatendo umas nas outras, doidos, trágicos, furiosos. Como nos sertões de Canudos (onde é exato, foi maior a desnudação erosiva da terra pelas correntes), o “fácies” desértico surgiu neles como se fossem um velho solo submarino revolvido e arrepelado, que emergisse da treva estupenda e infernal.

Mas o poder construtor dos foraminíferos foi maior ou, pelo menos, mais intenso que o poder destruidor do oceano, e devido a tal, este só teve que recuar. E os vales submarinos que eram as nossas lagoas, foram transformados em golfos, ou melhor, baías. E como nos primeiros tempos o nível do mar era superior ao nível do rio Mundaú, aquele penetrava por este a dentro, sem as curvas numerosas que existem hoje; então as águas marinhas batiam nas rochas metamórficas e cristalinas da queda d'água atual da estação de Cachoeira. O Mandaú lançava-se ali no oceano sem precisar recorrer, como hoje, à anteporta da Lagoa do Norte.

Ora, a deposição dos foraminíferos na região dos Canais e das Lagoas é contemporânea da deposição das camadas sedimentárias que constituem as colinas circunvizinhas da serra Dois Irmãos, disse-o o sábio John Branner (6). É também coetânea de todas as outras colinas calcárias – cretáceas do vale do Paraíba e das que circundam as outras lagoas e seguem para o norte e para o sul, marginando o litoral.

Essa deposição continuou pelos séculos ou milênios afora. Mas em certas partes, como em Pedra Grande, entre Utinga e Cachoeira, no corte que mencionei no meu ensaio sobre mineralogia, após a deposição houve um desmoronamento em várias direções, talvez para encher alguma falha ou dobra.

Recapitulemos: as colinas atuais, ali pelo terciário oligocénico tongriano ou pelo terciário miocénico aquitaniano ou burdigaliano ou mesmo, helveciano, conseguiram emergir do mar, as lagoas, não somente as duas principais mas também as outras entre as quais, a Jequiá que é também principal, não passavam de baías; baías também, mas verdadeiramente fluviais, se assim é permitido que eu me exprima, eram por essa época certas lagoas como a Boássica, acima de Penedo, onde o São Francisco fazia o papel do oceano, o Mandaú, o Paraíba, o Jequiá, o Poxim eram tributários do Atlântico.

Mas estes rios vieram desempenhar uma dupla função destruidora e construtora.

O Mandaú, por exemplo, erodindo as terras desde a serra do Gigante (que foi muito mais alta, fato que é o mesmo que sucedeu nos Andes, onde o Amazonas representou a mesma função do Mandaú) até a sua foz em Cachoeira e acarretando um material considerável e complexo de reolitos granitíferos, de grãos silicosos, de argilas variadas e lançando pelas suas últimas margens e deixando depor tudo isto nos lugares onde a correnteza era mais fraca, portanto, construindo a terra.

O que fez o Mandaú na Lagoa do Norte, fez o rio Jequiá na lagoa do mesmo nome e fez o Paraíba na Lagoa do Sul, então o oceano avançava para além do Engenho Velho no Pilar.

Hoje, quem (percorrendo a Levada ou Campo Grande e Porto Francês) dirá que as duas grandes lagoas alagoanas já foram baías, talvez mais perfeitas do que a de São Salvador ou a do Rio de Janeiro?! Quem dirá que o Mundaú, o Remédios, o Broma, o Sumaúma, o Paraíba se lançaram no mar?!

Mas é inegável: afirma a comunicação que ainda hoje na Barra as lagoas têm com o oceano, afirmam as conchas marinhas inumeráveis encontradas no alto das encostas; afirma a disposição orográfica das colinas que marginam as lagoas, e afirma, acima de tudo, a origem aluviônica dos baixios que separam do mar, as lagoas e os canais.

Porém, voltando um pouco atrás, na ação da edificação da terra o mar foi tão importante quanto o Paraíba e o Mundaú. Auxiliou-os no aterramento das lagoas, construiu ele próprio um longo cairal de terra arenosa que vai de Maceió a Alagoas, passando pelo Pontal e pela Massagueira, como se ele mesmo quisesse construir um dique aos seus ímpetos. E depois daquele cadarço de terra construído e as lagoas presilhadas entre colinas e os canais (que por sua vez foram verdadeiras lagoas como ainda hoje a vastidão d'água entre Boca da Caixa, Remédios, ilha do Fogo, Pontal da Barra e ponta da

Jibóia ou entre a ilha das Andorinhas, o Pontal da Barra e Assembléia, revela) entulhados com depósitos lodosos, o mar começou a desfazer o que tinha feito.

Ele é doido, por certo, abre aqui para fechar além; num lugar vai solapando para noutro ir depondo. Assim é que ainda hoje vive a espalhar a sua insânia por essas paragens, apenas com arrancos menos impetuosos porque a natureza para que ele não desfizesse numa noite o que construía num século ou num milênio, isto é, para que aquele debrum de terra não desaparecesse devorado pela sua fúria, ela fez com que os pólipos coralíferos construíssem os recifes de Maceió. E a loucura oceânica não pôde então destruir em tão pouco tempo o que fora feito em tão longo período e com tamanho labor. De modo que se resume, a abrir e a fechar barras. Mal uma está aberta, o mar começa a fechá-la com os materiais arrancados de outro lugar onde ele pretende fazer a sua comunicação com os canais.

Esboçemos a história dessas barras, o que constituirá uma parte importante na geologia ulterior dos Canais e das Lagoas; ire agora, sendo levado pela tradição, pois os fatos que vou contar são relativamente recentes e não se perdem na tenebrosíssima noite dos milênios; no entanto, revelam perfeitamente a variabilidade infinita do oceano.

Assim, a barra primitiva, isto há uns três séculos atrás que os homens de hoje souberam por informações dos seus antepassados, ficava no lugar que mais tarde se chamou Sete Coqueiros (8) no caminho de quem vai da praia do Sobral à praia do Pontal da Barra, em frente ao Trapiche e onde existe hoje um baixio em forma de anfiteatro, onde fiz escavações sem resultado satisfatório, em consequência da esteira d'água salobra ser superficial e a camada de areia ser profunda, essa barra era larga e enviesada indo obliquamente, já se vê, cortar o sangradouro da lagoa dos Patos, atualmente lagoa do Sabino (no caminho do Trapiche e Assembléia) que se comunicava com o canal e que naquela época era muito maior, pois foi aterrada quase toda pelo nordeste que tangeu sobre a sua bacia toda areia de um grande comoro existente há 50 anos entre os Sete Coqueiros e hoje, bem junto a ela, distante uns 500 metros do lugar primitivo. Essa foi a mais antiga que a tradição conservou; hoje

ninguém dirá que ali houve barra, mas é inegável, pois quem me informou (8) não só não precisava inventar como também me citou particularidades somente próprias de quem conhece perfeitamente o assunto e como também finalmente muita coisa dele vi depois ser confirmada pelo sr. Manoel Sabino, do Trapiche, pela sra. Lourença Maria da Silva, da praia da Jibóia, em Santa Rita e pelo sr. Francisco Balbino, morador na rua 16 de Setembro, na Levada.

Dos Sete Coqueiros, o mar (auxiliado pelo vento) depois de fechar a barra, partiu e foi se comunicar com os canais na parte setentrional da Massagueira, em frente ao lugar que por isso ficou se chamando Barra Nova; esta existia há mais de um século.

Depois de funcionar durante longos anos, o mar começou a fechá-la para abrir entre a atual e as últimas casas do lado do sul do Pontal da Barra, porém mais perto desta povoação e fez isto de tal forma que entre 1840 e 1845 a barra da Barra Nova ficou completamente obliterada. (9)

Agora, para passar desta barra do Pontal (tanto que se o nome deste lugar como o do Trapiche têm o atributivo da Barra, isto foi devido a que já houve junto a eles comunicação do mar com os canais – a primeira, a dos Sete Coqueiros, a qual vinha se lançar, como já disse, na atual lagoa do Sabino; portanto, junto ao Trapiche e a segunda, essa que acabo de mencionar) para a existente hoje, o mar foi fechando uma e abrindo outra, assim sucessivamente, até que atingiu o lugar atual. Ali, após tanto burilar a sua obra, o mar não vive contente, é o eterno insatisfeito e doido artista. Abre no norte, fecha no sul, fecha no norte, abre no sul – sempre a mudar a barra de um lugar para outro.

Entre parênteses: durante a cheia de 1910, que assoberbou muito os Canais e as Lagoas, o sr. Manoel de Lemos, proprietário na Massagueira, começou a abrir uma barra na Barra Nova, afim de dar saída às águas e a correnteza completou o trabalho. Dois anos depois, estava fechada. Menciono essa barra, para não ser confundida com a antiga, que desapareceu entre 1840 e 1845.

Tais foram os sucessos geológicos que ocorreram ultimamente no longo debrum da terra cor de linho (como se fosse um embainhado das vestes alvas das sereias) que vai da praia do Sobral em Maceió ao lado setentrional da Massagueira.

Além das mencionadas, mutações numerosas deram-se ali e hoje mesmo continuam a se realizar, influenciando sobre a evolução da terra.

Assim é que o atual brejo do Sobral, há uns 90 anos, seguia paralelamente à praia indo lançar-se na lagoa do Sabino. Isto de um lado; do outro, ele ligava-se à Lavada.

Esboçemos isto.

Apesar da areia, soprada pela ventania, ter dado novas pincelagens no painel daquela praia, mascarando extraordinariamente o “fácies” primitivo, entretanto podemos acompanhar ainda o leito do antigo brejo do Sobral. Era muito maior, pois não existindo nem o aterro da via férrea atual nem o da antiga, dos Leões, ele prolongava-se por aqueles baixios, passava nos fundos do atual Quartel do Exército, ao lado direito do Asilo de Alienados (onde havia uma passagem para quem vinha do Pontal, passagem que no inverno só podia ser feita a nado e em frente à rua do Ouricuri, que nessa época era uma mata – a dos Paus Secos. Deste lugar, ia bater na lagoa do Sabino, cheia de jacarés e hoje povoada pelos “planorbis” mortos e pelas ovas cor de coral pálido dos “aruás” inocentes.

Onde atualmente só existe um cajueiral tristonho e um aroeiral de flores rubras, como gotas de sangue, ou então dunas altas e níveas cheias de “pingurutas” donde, afogadas no areial emergem algumas bombaceas maculando com os seus troncos secos, e as folhas baças a alvura divina; outrora era o leito de um brejo marginado de “quixabeiras” e “gajirús”. Que dê os patos bravos e as garças brancas? Onde o matagal divino e, como todas as coisas humanas que querem ser divina – mortal, que orlava o oceano? Onde os velhos jacarés aflorando do juncal esguio ou por entre o “mangal canoé”



com os gorgomilos abertos e as dentuças aguçadas? Com que tristeza, com que saudade, ai! Com que olhar magoado, tu, ó meu velho Nicodemos, me ias apontando o matagal que foi derrubado e os comoros que mudaram de posição e as águas correntes que desapareceram sorvidas pelo areial saarento e as aroeiras magras e os velhos cajueiros, centenários, por essas paragens de abandono e soledade onde só as ninféias alvas vivem risonhas lançando ao venço que passa os seus desejos como sonhos alvos alando-se ao azul, como andorinhas voando em busca da floclulação noival das nuvens...

Voltando ao brejo do Sobral, tenho a dizer alguma coisa sobre a sua comunicação com a Levada.

As canoas que chegavam a este lugar, penetravam por um braço que ali existia, (10) atravessavam um brejo na vizinhança da Estação Velha e da Farmácia Pasteur e seguiram por este até o sítio Sobral (propriedade, há 90 anos atrás, de quem o plantou – o avô de José Nicodemos Dias Cabrail por nome Francisco de Santa Maria dos Anjos, pai de Francisco de Santa Maria, falecido há anos) e onde iam buscar “coco”. No brejo atrás, lançava-se um córrego ou riacho que nascia nos fundos da igreja do Rosário, ao pé da colina, de onde seguia em linha reta pela rua do Açougue ou 1º de Março até a esquina da rua Macena. Ali se dividia em dois braços; um que ia diretamente à Estação Velha, onde desembocava no outro braço que já mencionei (era por isso que as canoas que vinham das lagoas entravam pela rua do Açougue e iam encalhar numa capelinha de São José, que ficava na rua do mesmo nome, esquina de Macena e os fundos para a rua do Açougue) e o outro que seguia pela rua Macena buscando a praça da Cotinguiba (Deodoro, por onde descia até o brejo que já citei, o qual se estendia da rua do Reguinho ou Dias Cabral até a Estação Velha.

Compreende-se que nem essas ruas nem esses prédios eram assim, há 90 anos, mas fiz por esta forma, para se compreender a transformação operada.

Naquele braço d'água que passava na praça da Cotinguiba, hoje Deodoro, um empregado público por nome Crescêncio José Coelho, com o seu irmão Bernardino, tipógrafo, pescou bons camarões.

O brejo que ia da Estação Velha, nas vizinhanças da Farmácia Pasteur, ao sítio Sobral, foi aterrado pelo povo e em lugar dele existem hoje duas “bombas” – uma nos quintais das casas da rua do Capim e a outra no Aterro do Cemitério, cujo intervalo entre as duas, nos fundos das casas das ruas do Reguinho com Santa Maria, está soterrado. Ainda hoje, atrás de uma vacaria que há no fim da rua do Mataposto e nos fundos da Avenida Oliveira, há vestígios do brejo primitivo que comunicava a Levada com o brejo do Sobral.

O riacho que nascia atrás da igreja do Rosário desapareceu devido ao fato seguinte: tendo o comandante de uma galera inglesa, surta no porto de Jaraguá, há muitos anos, verificado existir na nascente do riacho grande quantidade de argila ocreosa, mandou que os marinheiros roçassem o mato e extraíssem uma certa porção desta argila. Em consequência disto, o solo ficou todo revolvido e a nascente teve que desaparecer.

Mas esbarremos nesta carreira infernal. Aonde iria eu se não refreasse esse meu pensamento vertiginoso, impulsivo?!

Pairemos sobre esse mare-magnum de anotações, misturando-se, confundindo-se.

Era natural.

Após os primeiros trabalhos de construção da terra pelos rios e pelo mar, tinha que haver uma série inumerável de brejais.

O baixio é uma futura terra firme; é um grande padrão no ciclo evolutivo da terra. O tremedal é uma grande coisa; não é somente vasa, é uma esperança da terra que em vez de se cobrir com o manto verde do capinzal, cobre-se com o manto negro do lodaçal.

Ora, Campo Grande ou a Levada é terreno post-terciário ou melhor, pleistocênico, isto é, quaternário, da antiga cronologia geológica, como também são quaternários a Holanda inteira, o planalto bávaro, as planícies da Lombardia e as estepes da Hungria. O aluvião predomina. Formaram-se os dois primeiros quando os mastodontes de Águas Belas em Pernambuco, torturados pela sede, batidos pelos sóis, asfixiados pelo calor, batalhavam pela última gota d'água das "ipueiras" fundas, nessa hecatombe titânica que um sábio americano evocou em páginas realistas e comovedoras. Formaram-se quando, sobre o nascimento das atuais colinas de giz argiloso que envolvem as lagoas e marginam o Canal de Dentro, roíaram-se o oligocênico com o tongriano, o miocênico com os andares aquitaniano, burldigaliano, helveciano, tortoniano, sarmatiano, pontiano e o pliocênico com os andares plasanciano, astiano e siciliano. Surgiram em consequência dos materiais acarretados pelas águas e depositados ou na embocadura ou nos lugares nos quais a correnteza era nula ou, pelo menos, fraca.

Depois? O que poderia provir disso tudo era a formação de deltas, o entulhamento das lagoas, a transformação destas em canais, o nascimento de ilhas.

Pormenorizemos.

O Mundaú já se forquilha construindo o seu delta; fica adiante do lugar Caboclos, onde ele recebe o Carrapatinho, e em busca da foz; não é um simples mangal sem importância; é uma ilha cheia de basto herveçal vergolengo – o capim "canurão" em pendões reais, a guaxama de folhas largas, o rabo de bugio entrançado e, se bem me lembro, os cordões de frade com as inflorescências em capítulos hemisferoidais, crivados de flores de um amarelo estranho. E achando que não era bastante, originou mais duas outras ilhas – numerosos mangais e coroas dentre as quais se destaca uma, bem na foz, na Barreta, a dentro da Lagoa do Norte. Lá está ela, e que, como eu, sair dos seus cuidados para ir vê-la, encontrará, como encontrei num domingo anordestado do mês de outubro de 1916, o clássico sedimento de areia parda

entremeiado de fragmentos de tijolo, telha e massapé conduzidos do Siri pelas águas. O Mundaú predispõe-se a fazer a terra avançar extraordinariamente contra a lagoa e a reproduzir com os seus diversos braços o martírio. Labirinto, que tão célebre ficou na história da Helade.

As lagoas estão secando, ou melhor, a terra nelas está assoberbando o nível do mar – é evidente, uma manhã, no largo onde deságua o canal d'água mota do Trapiche, a canoa que me levava encalhou, tão seco estava a Lagoa do Norte. A do Sul então é ainda pior. O Paraíba e especialmente o Sumaúma que também como o rio Mundaú, possui o seu delta, têm-se entulhado em excesso. Muitos dos anciões da velha cidade nem conhecem mais a lagoa, tão diferente está da do seu tempo. Demais, o homem abriu um novo canal – o Riacho Novo – sem fechar um velho. E a lagoa ainda mais secou. Finalmente as “pitimbóias”, os “currais de pesca”, os quais aproveitam mais aos ricos que aos pobres, completaram o gratuito serviço de aterramento dos Canais e das Lagoas. Estas predispostas estão a se transformar em canais – que por sua vez foram verdadeiras lagoas – devido às ilhas inumeráveis que hão de nascer (caso não se estabeleça um serviço ativo de drenagem) e por fim em terra firme. Isto seria uma miséria.

Dentro desse triângulo no qual está encravada a terra alagoana, cujos catetos são o São Francisco e o Atlântico e cuja hipotenusa vai do Persinunga ao Moxotó, desaparecem uma das suas maiores belezas, um dos seus cenários mais estupendos.

Venho, por isso, em nome da beleza, diante da qual todas as almas se dobram, em nome da arte que é a expressão mais bela do pensamento humano, em nome da vida dionisiaca e nietzschiana que o visionário divino do super-homem tanto exaltava, em nome do sonho, que é como um véu ondulante a envolver a nudez crua da vida realista e em nome da ciência excelsa, venho pedir a dragagem dos Canais e das Lagoas alagoanas. Seria um grande crime se desaparecessem.

Quanto ao nascimento de ilhas, ainda hoje assistimos nos canais, a do Maranhão ou Lauriana é de ontem, junto a ela um mangal por nome Caboclo não tem cinco anos, os numerosos mangais que vão do Trapiche e do Ponta ao Cadoz e à Boca da Caixa, são recentes.

Mas voltando, nem só a Levada e Campo Grande são terrenos quaternários; pleistocênicos é também a praia que já falei de Maceió a Alagoas e são as ilhas em certo grau de evolução como a de Santa Rita. A do Fogo, a das Cabras e outras marcam um período de transição entre estas e as contemporâneas.

Os recifes de arenito da capital de Pernambuco e os recifes de “mileporas” de Maceió são posteriores às formações pleistocênicas, pois pertencem aos tempos propriamente psicozóicos.

Eis, pois, traçada toda a marcha evolutiva da região dos Canais e das Lagoas desde o primeiro siluriano até o quaternário ou pleistocênico. Relativamente, ela é nova, mas os seus nilenior não serão poucos. Seguimo-lo através das mil vicissitudes – quando surgiu o pedestal granítico, quando foi deprimido, quando as águas marinhas bateram de encontro aos planaltos, quando o mar foi recuando pelo avolumar da terra. Esboçemo-la agora a fase atual da região dos Canais e das Lagoas.

### **CICLO TERCEIRO (A Fase Atual)**

Quando, pela primeira vez, após umas centenas de remadas, cheio de ansiedade do imprevisto, penetrei nas artérias e arteriolas dos canais anastomosando-se, o que verifiquei foi esta verdade que o glorioso iluminador dos sertões baianos encontrou por entre as oiranas e mangarataias amazônicas: o homem ali é um intruso impertinente.

Com efeito: chegou sem ser esperado. Não se fez convidar ao festim; chegou, sentou-se e empunho um talher, isto é, levantou um tejupar: quatro

esteios e quatro palmas a cobri-los. Nem teve coragem de “envarar” e, depois, tapar o “envarado”.

Logo após, como pensou que tinha trabalhado demais, descansou. Bendita indolência! Estirou-se ao sol como um sáurio preguiçoso. E dormiu... E ainda hoje lá está a dormir!... É o eterno cansaço e é o eterno desleixo.

Mas em torno dele a natureza continuou a trabalhar, quis expulsar o intruso com os animais nocivos – as mordidelas das caranguejeiras, os ferrões das mutucas, as dentadas das salamandras – ou com a flora exuberante a lhe entrar pela palhoça adentro. Dos primeiros, curou-se como pode e da segunda, encolheu os ombros de modo que o seu lar miserável, cheio de hervaçal, não parecia uma casa, era antes um horto silvestre.

Então a natureza resignou-se, a pústula era imoral, pois que o fecho da vida era eterno; teve que suportar o intruso. E este que nunca teve coragem para coisa alguma, como viu que ela continuava a trabalhar, resolveu embaracá-la no labor. E isto tem sido até hoje.

Os Canais e as Lagoas são um Amazonas em miniatura: a mesma imperfeita grandeza que Euclides da Cunha assinalou, a mesma orgia vegetal que originava o assombro de Henrique Thomaz Buckle, o mesmo delíquio desvairador e lírico que se nos apossa ao lhes defrontarmos a grandeza, delíquio apontado por Ch. Hartt, o geólogo genial e, com algumas diferenças, o mesmo quadro nosológico que vai de paludismo à hipoemia e que faz daquela região, um Amapá infeccioso.

Os rios, ali, não correm, desvairam. A flora não cresce, desvaira. Os canais não têm leito, desvairam. Todos ali vivem doidos e, acima de tudo, o que mais me magoa, o que mais me contrista, o que mais me penaliza, é ver o desvairamento do homem, daqueles meus patrícios que foram fadados para grandes destinos e que vivem, no entanto, eu nem sei como! Ó miséria de toda uma raça! Ó infâmia!.

Mas abrandai-vos, ó meus nervos. Serenai, meu ser revolto.

Afoga teu grito na garganta, ó minha alma.

Os rios desvairam, disse eu, morrem nos estios, desvairam nas invernias.

Vejamos.

O Mundaú, como alguns outros, é o “Papai Velho” dos rios alagoanos; é tão avançado em idade que não parece correr revolto, mas escorregar suavemente como quem tem medo de tropeçar. É um rio ancião. Já tem a sua história nas coroas e nos baixios que construiu. Quase que não se move, porque o declive é mínimo, tanto ele erodiu o seu leito, aplainando-se de tal forma, nivelando-o de tal jeito, de modo que é um rio numa das fases finais do seu ciclo vital. E a sua miséria na velhice foi tão grande que um usineiro fez do rio – água livre, num rio-esgoto. É uma corrente de águas silenciosas, macias, escorregadiças.

Mas, apesar da velhice, não morreria assim tão facilmente; no entanto, está se extinguindo. O Mundaú de hoje não é o de ontem. E se o homem não respeitar as matas que lhe cobrem a nascente e o leito, dentro de futuro não muito longínquo, ele morrerá! Não seria o primeiro rio desaparecido da face telúrica.

O Paraíba, durante os estios caniculares, é um rio morto. Um simples e delgado filete. Aqui e ali, poços d’água parada esverdeando-se, sobre os quais tremulam trementes as varejeiras inquietas. E o granítico pedregal sem fim – áspero, nu, abrasador - fulgura ao sol como a velha carcaça hedionda de um mastodonte milenário. No fundo dos “caldeirões”, os seixos alvos cantam a elegia inefável das almas vencidas, das almas mortas, à espera de um novo ressurgir, de uma aurora novíssima – a invernia, para que possam, na sua triste vida sem vontade própria, ser rolados, já que não têm a ventura de se mover por si mesmos. E o leito do Paraíba é a ossatura de um deserto, por

onde passou e repassou a fúria infernal dos vulcões. Aí, quantas vezes com a tua agonia não me pungiste o coração de criança ainda, mas cheio já da precoce tristeza das almas espiritualmente vencidas, ó meu pobre rio sem sorte?! É que os Ipanemas – os rios sem sorte – não são poucos. É que a zona da mata – convém não esquecer – não é mais do que uma anteporta do sertão. As águas invernosas passam, mas a ação não se faz sentir profundamente no subsolo. Passam e vão se embora. E quando chega o estio, se não fosse a vegetação luxuriante que armazenou alguma reserva aquosa, ai do homem que morreria abrasado!

O Reginaldo ou riacho Maceió é um rio infante com as graves mazelas dos rios velhos. Nisto, há apenas um culpado: é a grande besta, o homem, que, miseravelmente, criminosamente, cortou as suas matas.

Maldito seja todo aquele que derrubar um vegetal!

Com que tristeza não percorri as duas ou três léguas do teu curso – rio acima – por esse teu leito arenoso, saarento, cheio de mil voltas, ó meu pobre Reginaldo! Com que saudade evoquei, auxiliado por um bom velho, o teu passado, quando invadias o sucupiral imenso da margem esquerda, hoje substituído pelo casario hediondo! Com que dor não vi o Poço Azul, tão cheio de “minadores” e matagais outrora e hoje, descampado e estéril, com as barreiras rubras em forma de anfiteatro! Que dê o velho Imbiribal onde pousavam, sondando o horizonte, os gaviões mariscados? Com que desilusão descobri que não passavas de uma relés enxurrada, ó meu pobre rio, ó meu triste rei deposto, que na adversidade foste descendo, descendo, até chegares a enxurrada!

O Remédios não é a terça parte do que foi há 60 anos.

Eu poderia multiplicar as citações; apontar numerosos rios alagoanos que estão morrendo devido ao corte das matas que os marginam, sobretudo nas nascentes. O fato é de interesse profundamente geográfico e geológico e ainda de maior interesse social.



Um rio é uma grande coisa. Não é somente oxigênio e hidrogênio combinados galopando pela terra. É uma civilização – que os senhores procurem ter a obra do sábio judeu russo Elias Metchnikoff; é uma estrada, é uma artéria que espalha o sangue vivificador e socializador pela terra dentro.

Ai do parencima que não for banhado pelo sangue, gangrenará. Ai do vaso vegetal por onde não circular a seiva; apodrecerá. Ai também da terra que não for banhada por um rio ou por outras águas, esterilizar-se-á.

Um rio pode resumir a vida total de um país: o Nilo, por exemplo. Pode ser o promovedor de grandes expedições: como o Tietê. E pode valer muitos milhões a mais do que as maiores potências: o Amazonas, por exemplo.

Um rio é o destruidor, o solapador das montanhas e o estanho arquiteto que ao contrário dos outros não se eleva em linha vertical pois só se amplia em linha horizontal – das planícies. É um democrata que parte da alta aristocracia das cumeadas e vertentes e vem desaparecer, confundido, satisfeito, no pariato dos baixios. Há castas também na natureza.

Por isso, em nome da civilização, em nome da piedade que é como uma doce e emotiva Sórora Angélica Tristíssima, em nome do futuro glorioso que nos está reservado e em nome da natureza imortal, venho pedir a todo homem que me ler ou que me ouvir, que procure conter a fera que uiva dentro da sua alma e que o seu braço não se levante jamais contra nenhum vegetal, principalmente se este marginalizar alguma corrente d'água.

O desaparecimento de um rio é um grande crime.

Tratemos pois dos nossos rios; evitemos que o povo lance neles coisas imundas e que usineiros argentários vertam as tibornas, conservemo-lhes as matas, para que não aconteça o que vemos todos os anos – no estio, uma gota d'água, um filete, um torçal e no inverno um dilúvio, um colosso d'água, que fertiliza ligeiramente o seio da terra, pois que a ação é toda superficial

encharcando o solo, empapando-o e depois, indo embora. Por isso, a pequena proporção que fecunda a terra, nada é diante da imensa que poderia fecundá-la.

Tudo isto é profundamente grave.

Que o ilustre auditório não me ouça com a leviandade que já é um defeito nacional. Não julguem, os senhores, que estou recitando versos a Elviras chorosas. Isto aqui não é prosa catita para se passar por ela com um encolher de ombros. Nem é artigo de gazeta, pago para ser publicado na terceira página, apregoando as virtudes ridículas de qualquer mandão indígena.

Já mostrei que os rios estão morrendo e que os Canais e as Lagoas estão secando; mas não é somente isto.

A terra está desaparecendo!

Era o cúmulo. Horror!

A natureza é assim: leva séculos, milênios, a construir uma ilha; gasta um minuto, uma hora, um dia, no máximo, a fazê-la desaparecer.

É exato que numas partes a terra está avançando contra a água; avançando lentissimamente. Mas em outras, a água está avançando contra a terra; avançando rapidamente.

E o homem, o que tem feito? Em que se ocupa? Que barreira construiu? Que dique levantou?

Tenho vergonha de dizer, a miséria de todo um povo, a apatia de toda uma raça, caem sobre mim. Enlameiam e afligem-me, pois sou mais culpado do que eles e vós, senhores, sois ainda mais do que eu, porque a miséria

neles, é inconsciente ao passo que, conscientemente, encolhemos os ombros e sorrimos impassíveis diante dela.

Estas palavras terríveis, eu as preferiria que fosse outro que as dissesse; isto é como um punhal envenenado a revolver uma chaga ainda aberta.

Digam-las, no entanto: o homem dos Canais e das Lagoas tem apenas uma companheira, a apatia e apenas um ideal, a passividade! É um nirvanizado dentro da vida.

Provemos.

Esse libelo quero que seja escrito com palavras de fogo.

Há muitos anos na ponta setentrional da ilha de Santa Rita havia um gajirusal divino; foi derrubado para se aproveitar a madeira; hoje o que há é o mangal. Retrocesso, portanto.

A praia da Jibóia avançava, firme, para o Pontal da Barra coberta de matas virgens, de modo que o canal ali era muito estreito. Pois bem: as matas foram destruídas pelo homem e os ventos e as águas, encontrando a terra desguarnecida, começaram a solapá-la. Hoje, nenhum dos velhos de 100 anos, seribeiro ou pontalense, que são raríssimos, conhece mais a praia da Jibóia, tanto ela recuou, tanto aluiu. O que vemos atualmente é um grande lagamar entre ela e o Pontal.

Esta praia da Jibóia é notável; quem, seguindo por ela, em busca do Maroim ou da Barra Nova, olhar para a ribanceira onde a areia alvíssima encontra as primeiras jurubitingas, genipaparanas e os primeiros gravatás floridos, imbés virentes e o rabo do bugio em basto moutal, há de recuar com pavor ao ouvir um chiado esquisito, um como escorregar de grãos pequenos. É a areia da ribanceira e do alto que vai caindo, caindo, para o fundo do canal! É o vento que, sem cessar, vive a aluir a terra, a desmoroná-la.

Coisa horrorosa: as próprias convolvuláceas aparecem com as raízes expostas, pois a terra que as envolvia, o vento não respeitou.

A ilha de Santa Rita, nesta parte, não é nada à vista do que foi, quando a selva gigante lhe cobria o lado oriental, servindo de barreira aos elementos destruidores.

E o homem vendo a terra – a sua mãe – devorada pelas voragens – que fez? Empurrou-a. E depois que ela desapareceu – que fez este matricida infernal, este ser sem coração, esta alma sem piedade? Encolheu os ombros e foi... dormir...

Em frente ao Boquete, onde deságua o canal do Trapiche, havia mangues formando uma ilha que desapareceu, devido a isto; o canal que era muito estreito ali, ficou mais largo.

Ora, o homem tem o dever estrito de retocar a obra da natureza, no que ela tiver de imperfeito. Mas o dos Canais e das Lagoas o que tem feito é complicar e ampliar as imperfeições da natureza. E mesmo quando se mete a emendá-las, seria melhor que não fizesse tal, como nos pântanos aterrados com lixo!

### **COMO A TERRA NAS LAGOAS NASCE**

Nas lagoas, ou melhor, na região dos Canais e das Lagoas, ainda hoje se acompanha passo a passo a natividade e a evolução da terra. É um processo lentíssimo, sem saltos, sem intercadências, sem anomalias. Tudo concorre para isto, do menor ao maior, dos filamentos das algas às barbatanas dos peixes.

Assim é que o primeiro sinal de terra é um afloramento de grãos silicosos ou de massapé cinzento ou na foz de um rio ou no remanso de um canal.

Sabemos que a ação geológica das correntes manifesta-se por três modos: em primeiro lugar, pela erosão ou desnudação do solo ou das rochas; em segundo lugar, pelo transporte dos resíduos e em terceiro, pela deposição.

Não é sem fundamento que as águas dos rios e das lagoas tomam durante o inverno, uma cor terrivelmente barrenta; isto é um corolário da erosão; é um material complexo em suspensão que irá sedimentar-se onde houver uma quietude relativa.

Em resumo: os materiais acarretados pelas águas e vindos muitas vezes de paragens distantes, tocando um lugar no qual a corrente seja mais fraca, repousarão ali. Este sedimento, pelo acréscimo de novos detritos, vai evoluindo, até aparecer à flor d'água. E teremos assim uma "coroa de terra".

Vem então o "capim salgado", suas touceiras - "maçarocas" na linguagem popular – povoam a futura ilha. E ele marca um período evolutivo já adiantado no ciclo vital da formação da terra.

O nascimento do capim salgado numa coroa é um grande acontecimento, porque as suas raízes vão reunindo os sedimentos, aconchegando-os, englobando-os, formando um todo, consolidando a terra.

Após o capim salgado vem o "mangue", umas sementes boiando à toa e que afinal conseguem encostar-se à coroa onde, com a primeira vazante e primeiro sol, as radículas, os caulícolos, os corpos cotiledonários e as gêmulas, isto é, o embrião germina e a planta cresce e sobe, verde, na azulescência límpida do ar. É o que basta.

Mas nem sempre o capim salgado é o precursor do mangue. Às vezes aparecem concomitantemente e outras, o mangue antecede o capim. Dá-se isto quando as coroas afloram com materiais mais adiantados, mais próprios que a sílica estéril para a eclosão do mangal, a ilha das Andorinhas, em frente ao Pontal, nasceu assim. Porém isso não obsta, da mesma forma que existem cérebros medíocres que para aprenderem uma determinada ciência, precisam

seguir toda uma longa escala ascendente e que há cérebros geniais que vão aos saltos por esta escala afora, do mesmo modo existem coroas como a do Bom Retiro na Bica da Pedra que precisam seguir a linha ascendente do capim ao mangal e existem outras, como a das Andorinhas, hoje ilha, que afloram já bem adiantadas - os materiais calcários silicosos, salinos e aluminosos permitindo então a função genesíaca do mangal.

E quando este cresce, todos vão trabalhar pela consolidação da coroa: a borra do “verdete” enrosca-se nas raízes aéreas do mangal, as outras agarram-nas, as ovas – “petronas” como eram designadas antigamente – dos caranguejos e dos aratus – “ pacholas” em Santa Rita – quando são levadas pela correnteza, às vezes encaham e ali ficam originando esses crustáceos.

Os siris, porém, como são melhores nadadores, vão eles mesmos fixar ali sua residência, isto é, quando o mangal fica à beira da lagoa. Outras vezes, em lugar de serem levados pela correnteza, expondo-se assim aos emboléos, agarram-se à parte inferior das “baronesas” – essas damas de fogo – e lá se vão mansamente, suavemente. Mas em geral o siri não habita o mangue; no entanto, os “vasa-marés” e os goiamuns para ali se dirigem. O limo procura sedimentar-se, também, o “lodo baeta”. Em algumas ocasiões, os “protococcus” nascem, crescem muitas algas verdes unicelulares, as “oscilarias”, as “nitellas” verticiladas e as “funarias” inquietas. Mas nem sempre.

A água, vendo aquele esboço de terra, procura destruí-lo, mas enfrenta com as raízes do mangal entrelaçadas, embaralhadas.

E há uma hora infernal; cada novo embate das águas é aparado por um novo esforço do mangal a originar-se e a mergulhar – saídas do alto – as suas raízes adventícias, pelo subsolo da coroa, na sua ânsia de pedreiro bizarro a querer – não com o granito - construir um alicerce com lodo e carcaças leves de aratús! Compenetrado da sua missão de edificar a terra, de consolidá-la, de arrancá-la do abismo líquido, do nada das coisas. É a batalha contínua, cheia de lances trágicos, como um final shakespereano, ao qual não falta a sinfonia lírica do vento nas velas das canoas ao largo. Essa luta é uma página grandiosa de Ésquilo de Eleusis encravada no drama terrível que foi a vida do

mestre excelso dos “Sertões”. Eu a presenciei em todas as suas fases, vendo com a alma suspensa e ansiosa aquela batalha obscura e, por isso mesmo, ainda mais feroz, na qual predominam duas milenárias antipatias profundas – o ódio da água pela terra e o ódio da terra pela água. Eu a presenciei aquela miniatura dantesca, estupenda, que termina com a vazante para recomeçar com a enchente.

E quando a água, vencida pela maré, mas não derrotada pelo mangal, vai descendo, recuando, volta a faina gloriosa, recomeça o trabalho de construção.

Morrem os crustáceos que já citei e as suas crostas são repartidas em mil fragmentos. Vem os tiradores de caranguejos e revolvem a superfície da coroa e, mergulhando as mãos nas tocas negras, inconscientemente estão trabalhando pela formação da terra.

E assim continua.

As “pitimbóias”, os “currais de pesca” facilitam o aterramento da coroa.

Mas vem o homem e corta o mangal para apurar uns quatro mil réis miseráveis. Bate o sol em cheio e há desdouramentos divinos, pulverizações finíssimas, opulscências líquidas, fervilamentos de luz. E a terra vai secando, a água recua, foge a umidade.

Após o corte – salvo se foi feito no mês de maio, o que é raríssimo – o mangal não morre, porém. Cresce novamente e a mesma batalha se reproduz e uma morte indêntica, pelo machado.

Neste meio tempo, nasce uma planta que o povo denomina “samambaia”, uma prima das avencas, um “polipodium”, uma filicínea, um pteridofito, uma criptogâmica vascular em suma, seus rizômas prolongam-se pela terra. E, conforme as águas vizinhas, nascem também a “pilulária globulífera”, a “salvínia natans” e a “marsília quadrifólia”, três hidropteridas.

Algum perdido “opioglossum” das maratíneas. A “arsofila armata” de Martius – esse rabo de bugio que forma vastos moutais, sobre os baixios. As nínfeas divinas. A “sagitária sagittaefolia”, com o seu poliformismo, como se fosse sereia com a cabeleira solta à mercê das águas. A “madre de ovelhas” cujo nome é profundamente realista. As naiadáceas – a “azaniquéia palustris” ou a “ouvirandra fenestralis”. Alguns parentes do “pandanus utilis”. Diversas ciperíneas, entre as quais aparece o verde faiscante do juncal batido pelo sol e cujos colmos cilíndricos se me afiguram os verdes capitéis fráglimos de algum templo em ruínas.

E quando morrem, todos estes vegetais, encaham e vão constituir e consolidar a terra. Esta vai surgindo, então, pouco a pouco, passo a passo, na sua assunção vagarosa de Nossa Senhora da Natureza, até que o “aningal” venha substituir o mangal, empurrando este para a margem da futura ilha e ficando mais para dentro, onde a luta pela vida não assume a grandeza trágica daquele drama que Ricardo Wagner compôs aos 11 anos.

Mas voltando muito atrás, tenho a dizer que, no leito do Mundaú, o processo do nascimento de uma ilha, não se inicia com o capim salgado, o qual só se dá com as águas salgadas ou, pelo menos, salobras. A gênese da terra executa-se por este modo: no remanso do rio vão repousar algumas “baronesas” – essas líricas e elegíacas Senhoras Lilases. Os nenufares – na linguagem popular, “golfos” – reúnem-se a elas. Forma-se então um agrupamento que começa logo a enfraquecer a correnteza permitindo, portanto, a deposição, a qual se acentua ainda mais quando uma poligonácea, a pimenta d’água, vem com as suas folhas lanceoladas e as suas flores cor de coral pálido, ou quando o piri-piri emerge com as umbelas divinas e perfeitas. O espinheiro bravo, uma leguminosa, completa e aperfeiçoa a sedimentação e a futura ilha consegue aflorar. Após o espinheiro ou, concomitantemente, vem a aninga, o canutão, a quaxuma, os fetos frondosos e o rabo de bugio, que fecham o ciclo vegetal influenciador da natividade da terra.

As ilhas, formadas por este processo, são numerosas; quem subir o Mundaú, desde a foz até Cachoeira – como eu o subi, em tempo de cheia, o



que é um martírio, pois o cansaço de quem rema é profundo e a monotonia da viagem é infinita – irá encontrando-as, aqui, ali, além, umas mal começadas, outras completas e outras finalmente ligadas ao continente, como uma que existe antes do Porto de Santo Antônio na Utinga, coberta de capim de planta e cana de açúcar, sulcada por uma camboa e mostrando que nesse lugar, antigamente, o Mundaú dividia-se em dois braços – um, o leito atual e o outro, que ia passar pelo sulco da dita camboa.

Ora, tudo quando ali vai escrito é o que se dá mais ou menos nas paragens dos dois igarapés e paranámirins; por isso é que afirmo que a região dos Canais e das Lagoas é um Amazonas em miniatura. Lendo-se J. Huber, a ilusão é perfeita, com uma diferença, porém: nunca vi o aturiá – o “drepanocarpus” de Meyer – pelos mundos que percorri.

Mas fechemos este longo parênteses e voltemos à aninga. Os seus caules cônicos misturam-se com os corimbos umbelíferos róseo-lilases de erva de Santa Maria e com as folhas da erva de rato. Crescem as gitiranas de um rubro trivial; a cana brava narvalizando o ar, a “catiçoba”, de flores amarelas e o canurão para o gado, o “capim andaca” de flores azuis. Os espátos das aroideas e as brácteas das umbelíferas. As lígulas espiguetas, glumas, panículas e glumelas das gramíneas e os piri-piris com os seus colmos papirínos de ciperáceas.

E ao morrer, toda esta vegetação vai aumentar o solo. E este cresce e vem outras e outras família botânicas: as urticáceas, verdadeiros cautérios, as euforbiáceas leitosas, os capítulos das sinantéreas, os aquênios das labiadas, as cápsulas das malváceas, as bignoniáceas, as meliáceas, etc.

E na pequena cora de outrora, hoje ilha, surge uma floresta. É a verdura sem par, é a beleza sem fim, e a majestade sem manchas.

Mas nisto vem a grande fera – o homem, esta chaga purulentíssima a cobrir o seio virginal da terra. E o machado impiedoso trabalha. E o fogo não esbarra. E da floresta colossal, nasce o “capoeirão” e deste a “capoeira”, isto é,

o garrancho. Mas o fogo não dorme e o machado não descansa. E da capoeira surge a campina morta, o sapezal infinito, a malícia sensibilíssima, o tirirical extenso, a tristeza, a miséria.

E vem então o coqueiro como um Cristo consolador, como uma bênção piedosa, como um bálsamo divino, como um perdoador de todo o mal que os homens fizeram à sua Mãe-Natureza, vem aliviar a tristeza da terra, procurar melhorá-la, povoar a solidão, cobrir com o manto das suas folhas a nudez das campinas mortas, despidas de vegetação.

Ai, aquelas suas palmas como os braços caídos de um crucifixo ideal!

É o epílogo. Glorioso remate para um longo poema. Tal é a evolução, tal é o espaço que modela entre uma simples coroa como a do Bom Retiro na Bica da Pedra e entre uma ilha como a de Santa Rita.

Acompanhamo-la a formação da terra, em toda a sua escala ascendente – do simples afloramento sem capim salgado à ilha consolidada à procura de outra para se reunir, para aumentar o domínio da terra sobre a água, como por exemplo, a Barra Nova que já foi uma ilha desligada de Santa Rita quando o canal fazia uma volta pelo Rego dos Mamões.

### **COMO A TERRA NAS LAGOAS MORRE**

O processo da morte ou, mais certo, do desaparecimento da terra na região dos Canais e das Lagoas é mais rápido, salvo certos casos especiais, como o da praia de Jibóia, que já falei: uma cheia, um embate espantoso, um assoberbar estupendo, e vai se embora num minuto o que a natureza gastou dezenas de anos a construir! Coisa horrorosa: desfazer a própria obra! Mas isto não é comum. Nunca se viu artista assim tão doido, tão ilógico, tão paradoxal, mas também tão genial!

### **QUARTO CICLO (AS CHEIAS)**

Cada nova enchente é uma nova pincelada num velho painel mil vezes retocado. Desaparecem mangais. A água sobe pelas rampas, galga as terras altas e um mar diluviano avassala tudo.

Então a alma daquele que percorre algumas páginas sobre a História da Terra, tem a idéia perfeita de uma volta ao passado.

Mas não venho aqui descrever uma enchente; apenas quero mostrar que assim como para as secas, que Euclides da Cunha em páginas memoráveis acentuou, há também um ciclo para as “cheias”.

Com efeito: partamos daqui e ao chegarmos à Seriba – cujos velhos ainda se lembram dos meus antepassados – atravessamos o canal e saltamos em terra da Massagueira, naquela estreita lezíria à beira mar que se estende da Barra às primeiras habitações de Rua Nova. Há uma casa li, de telha e taipa, duas pancadas na porta e esta se abrirá, aparecendo então um caboclo requeimado. É o Vespasiano Farias, o “Vespa”.

E ele nos dirá: em 1863 houve uma cheia grande; foi no dia 13 de maio e houve chuva durante 13 dias. Em 1882 houve outra que estragou totalmente os melanciais de Santa Rita. Em 1896 e em 1906, também. Em 1910, no mês de maio, na passagem do cometa, houve uma tão grande que todo o lado ocidental de Santa Rita ficou inundado; dos moradores, apenas o dono do sítio Urubabo ficou, o resto fugiu. Em 1913 houve outra duradoura que matou muitos peixes na Lagoa Mundaú.

Estas são as que o Vespasiano Farias se recorda.

Agora, partindo dali e indo conversar com a velha Lourença, da praia da Jibóia, ela nos dirá que um pouco antes da guerra com o Paraguai e quando o Pontal da Parra era uma praia do Quixabeiras entremeiada de duas dúzias de casas, houve uma cheia tal que se ia de lá de Santa Rita ao Porto Francês em canoa! Fato que concorda com a de 1863, mencionada atrás.

Por sua vez, se partirmos dali e formos bater num casebre, no alto da Boa Vista, na vertente do riacho Utinga, perto da descida para o Congo e entre a cidade de Alagoas e o engenho Hortelã, um índio, descendente de Antônio Felipe Camarão da guerra holandesa (segundo me informou) por nome Benedito José da Silva Cadete, que aos 99 anos ainda faz abano de pindoba e cesto de timbó e que ainda tem sua mulher que é uma índia dos Tamaritanos da serra da Nacea, há de nos dizer que a cheia mais antiga de que ele tem notícia foi a de 1822. Entre parênteses: sempre recordo com saudade o dia no qual conheci este velho Benedito Cadete.

Finalmente, se pesquisarmos o arquivo do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, encontraremos um “Dicionário histórico e geográfico da Província das Alagoas”, autógrafo inédito do sr. Pedro Paulino da Fonseca e à letra “S”, falando de Santa Rita, ele diz que a cheia de 1863 fez esta ilha “submergir-se perto de cinco palmos abaixo do nível do canal, fenômeno este que se não observava desde 1836, data da penúltima cheia”.

Resumindo, segundo esses informantes, que foram confirmados por outros, cujos nomes não menciono para não me alongar muito, houve enchente nos seguintes anos: 1822, 1836, 1882, 1896, 1906, 1910, 1917 e a deste ano, de 1917, que assisti.

É exato que há cheias todos os anos, mas não são tão fortes como estas mencionadas.

Ora, meditando-se naqueles números, verifica-se que de 7 em 7 anos há uma enchente, seguida de outra nesse meio tempo, isto é, 3 ou 4 anos após a primeira.

Assim, em 1819, a tradição não menciona, mas deveria ter havido uma; ora, o espaço entre esta e a última, a de 1917, é de 98 anos, isto é, um múltiplo de 7. Após 3 anos, em 1822, houve e quatro anos depois, em 1826, deveria ter havido.

Da mesma forma, em 1833, sete anos depois de 1826, deveria ter havido, três anos depois, em 1836, houve e quatro anos após, em 1840, deveria ter havido.

A cheia de 1863 é uma exceção, pois é preciso notar-se que a derrubada das matas que marginam os rios Mundaú e Paraíba (que são os principais fatores na gênese das cheias dos Canais e das Lagoas) atrasa as enchentes, formando às vezes verdadeiras anomalias como a cheia do Paraíba a 12 de dezembro de 1915, em pleno verão, portanto.

Já a de 1882, está na regra, pois entre esta e a de 1917, decorreram 35 anos, isto é, um múltiplo de 7. A de 1896, também está, pois o espaço é de 21 anos. A de 1906 corresponde a 3 anos depois da que deveria ter havido em 1903 e a quatro anos antes da que houve em 1910. Três anos após esta, em 1913, houve e outros quatro depois, em 1917, também apareceu.

Creio que está bem explicado:

1819 – 1822 – 1826

1833 – 1836 – 1840

1903 – 1906 – 1910

1910 – 1913 – 1917

Foi baseando-me nestes cálculos que, em dezembro de 1916, estando na Bica de Pedra, afirmei que a 13 de maio de 1917 haveria uma cheia; enganei-me, é verdade, no dia, pois foi a 3 do mesmo mês; o mês e o ano, acertei. Como testemunhas disso, invoco os srs. tenente-coronel Joaquim de Araújo Rego e Wenceslau Mariano de Oliveira, arrendatários do patrimônio de Santa Rita.

Ora, sabendo-se que de 7 em 7 anos há uma cheia e no meio do espaço entre as duas aparece outra, nada mais fácil do que se premunir em tempo afim delas não encontrarem o povo dos Canais e das Lagoas completamente desprevenido.

Não pretendo marcar leis à natureza e, por isso, esse intervalo entre as cheias, eu o afirmo dentro de certas restrições, pois todos os dias estou vendo os fatos desmentindo os cálculos mais bem baseados.

Como quer que seja, não havendo cortes ou incêndios de florestas, elas chegarão dentro do ciclo que verifiquei.

Não falarei aqui sobre os prejuízos incalculáveis que elas ocasionam; o que desejo é o alargamento da barra atual e que se procure diminuir a sua variabilidade que tem ocasionado muitos naufrágios entre os pescadores seribeiros ou pontalenses – meus irmãos pelo sangue e pela alma; por isso, em nome deles, venho pedir esse pequeno favor.

Não pretendo também explicar a gênese das grandes cheias, que me parece ligada a fenômenos astronômicos como o aparecimento dos cometas.

O que sei é que tão cedo, pelo menos enquanto não houver coragem, o homem dos Canais e das Lagoas não se livrará dos danos produzidos pelas enchentes.

O Estado ignora que por ali andam mulheres de brasileiros mergulhados numa profunda miséria intelectual e moral. As gentes finas das capitais, ocupadas com assuntos leves, fúteis, conhecem aqueles patrícios que estão pedindo a luz do verdadeiro sol - a instrução. E eles pouco se importam com a miséria em que vivem.

## **UM EPISÓDIO DOLOROSO**

Uma paisagem que Ruysdael pintasse para ser inserida no lado de um dos primeiros versículos do Gênesis, tal é a região dos Canais e das Lagoas durante as enchentes.

Não parece haver separação entre o elemento líquido e o sólido.

Desaparece a terra.

A alma do geólogo fica num desses estados dúbios, sem saber se aquilo é a realidade ou se é um sonho, durante o qual ela mergulhasse nos afastados tempos pleistocênicos.

Das ilhas emerge apenas o mangal.

Restos de palhoças deslizam e vão se perder no horizonte impassível. Além, um casebre, com os esteios carcomidos, tomba, como um ébrio sem alento, no solo, para se não levantar mais; e diz o povo então que a “casa amunheceu”.

Há uma tristeza inefável ilutando no ar. Um como gemido vago, aéreo, irreal, parece vir do poente.

O terror da solidão apossa-se das almas e para afastá-lo rema-se em busca de paragens menos assoladas pelo novo dilúvio.

Rema-se.

E lá adiante, no lugar de uma palhoça que a cheia carregou, encontra-se uma criança tiritando de frio, desfalecendo de fome. Anda a procura dos pais que talvez já estejam mergulhados no mistério da água e no mistério da morte.

As faces magras, amarelas, cor de jenipapo bem maduro, as pernas trôpegas e sujas, o seu todo “sambudo” e raquítico, onde apenas se destaca o ventre “empandeirado”, cheio de gazes e de vermes; o paludismo e a hipoemia, dão-lhe um aspecto triste de miséria profunda, de orfandade sem fim. Bem no canto dos olhos remelentos, as lágrimas correm uma a uma, brancas, maviosas, imaculadas, consoladoras.

E a gente baixa então a cabeça sob o peso das lágrimas de vinte e tantos milhões de miseráveis personificados naquele ser humilde, míseras almas que andam por ali, sem amor, sem carinho, sem ilusões – odres velhos e arreventados aos embrólios do destino - por todo esse nosso Brasil senhoril de orgulho destemido, de grandeza estupenda, mas também de pobreza infinita e ruína tamanha!

### **QUINTO CICLO (UMA SÍNTESE)**

A geologia do Estado de Alagoas é ainda um capítulo do grande livro do imediatismo. Excetuando-se algumas contribuições de John Branner, o resto pouco vale.

Entretanto, sabe-se: que o período azóico é representado pelas rochas arqueanas dos vales do Mundaú e Paraíba, que o paleozóico; idem, pelos arenitos permianicos de Penedo e pelas rochas sedimentárias da serra da Marabá; que o mesozóico, idem, pelas barreiras de Jequiá da Praia, mas que é duvidoso; que o cenozóico, idem, pelas colinas que envolvem as lagoas e pelos folhelhos petrolíferos do Riacho Doce, do Broma e da Volta d'Água; que o quaternário, idem, pelos aluviões da Levada e de Campo Grande; que o psicozóico propriamente dito, idem, pelos recifes de mileporas de Maceió.

Como corolário e síntese deste meu trabalho, desejo:

1º. – A exploração em larga escala do nosso “ocre”.

2º. – Uma severa repressão contra os cretopagos do Pontal da Barra; repressão moral, já se vê.

3º. – Uma perfuração junto do grez da Bica da Pedra, a fim de saber se na sua parte inferior não haverá alguma formação hulhífera ou coisa semelhante.



4º. – A exploração em larga escala do nosso granito e a sua utilização em paralelepípedos.

5º. – A proteção, pelo governo, ao nosso massapé, incrementando as olarias e a arte nacional que está se esboçando sob o pincel de um artista obscuro, que não trepidei em saudar.

6º - A verificação sobre a profundidade dos óxidos de ferro e a sua conseqüente exploração metalúrgica, isso no caso que valha a pena.

7º. – A exploração do petróleo nos lugares seguintes: na praia ao sul da foz do rio Maragogi, no sítio Camaxo, em Japarutuba, em Pitingui, na Barreira do Boqueirão, ao norte de Porto de Pedras, na foz do rio Manguaba, na Barra do Camaragibe; nos folhelhos a 2 quilômetros, ao sul do Morro de Camaragibe, no Riacho Doce, na estação de Utinga, na Volta d'Água, no Broma, na Bica da Pedra e no Porto Francês. Isto é um tesouro tão fabuloso que um dia resolvendo fazer um cálculo sobre o valor do petróleo, que se poderia retirar desses lugares, tive que recuar assombrado. A coisa é tal, que só parece um conto de “Mil e uma noites”, misturado com as velhas histórias de Eldorados e Sabarabussús, que enlouqueceram as almas ávidas e heróicas dos bandeirantes e com as lendas que correm sobre as minas de prata do Cerro de Pasco, de Puno ou de Guanajuato, as de mercúrio de Huancavélica, as de cobre de Copiapó e as minas do outro dos Urais.

8º. – O “Rumo à Terra”, sob todos os aspectos, da agricultura a descobrir novas receitas, a indústria a explorar as nossas minas, o comércio a ampliar a nossa riqueza. É o que devemos proclamar; não, esse “rumo à farda”, que anda por aí, farda que sempre foi na nossa história um elemento de distúrbio, um fator de sedições e ambições mal disfarçadas.

Patriotismos, não é empunhar uma espingarda para assassinar a seu irmão. Patriotismo, é ensinar aos analfabetos, é pegar numa enxada e fecundar a terra, é viajar e descrever as riquezas da sua pátria, chamando a atenção do povo sobre elas.

9º. – Uma nova direção para a literatura nacional, que ela vá buscar na própria terra os seus motivos emocionais, que ela cante e, de mãos dadas com a ciência, aprofunde o estudo da nossa natureza.

10º. – Maior amor à luta; maior amor ao trabalho.

11º. – Maior amor à pátria; menor amor ao estrangeiro.

12º. – A dragagem dos Canais e das Lagoas alagoanas e três cortes: um na curva da Ingazeira à Volta d'Água; outro, na volta das Areias à Boca da Caixa e o outra na curva do Trapiche à Boca da Levada.

13º - A proibição dos “currais de pesca”.

14º. – A desobstrução de certos rios, particularmente do Sumaúma, onde as “baronezas” fazem o mesmo que a “valisneria vulgaris” fazia no canal do Languedos, na França, isto é, obstruem, impedem a navegação e fazem a água invadir as margens, estragando a lavoura.

15º. – A proibição do despejo das tibornas ou de outras coisas imundas na corrente virginal dos rios, particularmente no Mundaú.

16º. – A proteção dos rios pela proteção das matas que os marginam; haver multas contra a derrubada e o incêndio das florestas.

17º. – A proteção das nossas praias contra o vento, pelo plantio de árvores.

18º. – O corte dos mangais que, apesar da sua ação edificadora da terra, entretanto, constituem um perigo social, porque são grandes focos palustres; e depois deste corte, o aterramento dos pântanos.

19º. – Sabendo-se o ciclo das enchentes, fácil premunir-se contra elas, construindo as casas sobre esteios como no Amazonas, onde a “paxiúba”

desempenha uma grande função, ou melhor ainda levantando diques como fez a Holanda.

20º. – O alargamento e a invariabilidade da Barra atual.

21º. – Que o Estado pense mais no povo e que este procure auxiliar o Estado, para que eu não tenha que escrever outras páginas tão dolorosamente amargas como as que escrevi.

22º. – É o artigo final e consiste em repetir que precisamos descobrir o Brasil, pois eu vos afirmo, com a máxima certeza, que ele ainda não foi descoberto.

Tal é a síntese deste meu trabalho.

Eu vos peço desculpas pela maçada tão grande; o assunto era magno de sobra e eu não o poderia encarar como uma coisa ligeira, vaporosa. Creio desde já no perdão que alcançarei da vossa bondade.

Falei tanto e ainda não disse a terça parte do que eu pretendia dizer – tão vasto é a matéria! Mas não vos assusteis; vou terminar.

Hoje, o dia é grande e cheio e luminoso, relembra a arremetida heróica de Cristóvão Colombo pelo mar afora; recordará também esta minha arremetida pelos umbrais da geologia adentro.

Vós que lestes a história do grande navegador, mal podereis fazer idéia do quanto ele sofreu para realizar o seu ideal; da mesma forma, vos que me ouvistes, não podereis imaginar quanta ansiedade vai nas entrelinhas deste meu trabalho, quantos suores frios, quanto cansaço, quantas noites perdidas a conversar com a arte – a noiva inefável – tendo lá fora a agonia da treva casando-se com a agonia do meu ser; cá dentro, na minha severa Sala do Silêncio.

Não podereis avaliar o quanto depauperei a minha saúde nas 32 jornadas a pé e uma apenas, a cavalo, nas horas sem conta sentado a escrever, nas insônias, surmenagens e torturas do espírito.

Provavelmente, julgais que escrevi este meu estudo com a máxima facilidade; eu é que sei o quanto me custou, o quanto sofri, durante os 8 meses que o levei a pensar e a escrever.

Não podereis compreender com que sacrifício continuo o meu caminho pelas veredas do espírito, vivendo mergulhado em dois meios antagônicos – o meu, profundamente azinhavrento e o vosso, profundamente contraposto às manifestações espirituais, meio que não recompensa, mas trata de deprimir.

Não concebeis a amargura que me vai na alma, ao pensar na miséria em que vive mergulhado o meu povo; se, porém, o meu corpo pudesse se repartir em pão para matar tanta fome, pudesse se repartir em luz e sol e instrução para saciar tanta sede, para iluminar tanta treva, certo que me sujeitaria ao holocausto.

Mas este novo degrau do meu futuro livre, que não sei se acabarei, está vencido; nada vos peço em troca do meu labor, e mesmo que pedisse o que é que poderíeis me ofertar senão uma glória estéril, glória provinciana, duvidosa, que não contenta, que não satisfaz.

Uns têm dinheiro; outros têm aspirações, grandes idéias para servir a pátria. Eu, nada tenho, por isso, venho só... só... somente com a minha pena e o meu pensamento; pena humilde, pensamento obscuro, mas que hão de subir para perpetuar o meu amor pela terra maternal, para imortalizar o meu esforço, para eternizar o meu sonho, e a minha alma ansiosa que tem sede de beleza, sede de amor e, acima de tudo, sede de glória, ó miragem, ó pomo divino, ó louca ilusão... Glória... Glória... Glória...

**Octavio Brandão**

**ESPÉCIMES MINERALÓGICAS DA “COLEÇÃO DE ALFREDO  
BRANDÃO” QUE APRESENTEI**

1. Estratos horizontais do giz argiloso multicolor de Coqueiro Seco.
2. Arenito branco e róseo da Bica da Pedra.
3. Arenito escuro da praia da Jibóia em Santa Rita.
4. Arenito cor de chumbo da praia do Sobral em Maceió.
5. Arenito cor de chumbo do Riacho Doce.
6. Granito róseo, esfarelado-se, da Satuba.
7. Reolitos graníticos dos dois conglomerados do leito de Mundaú, em frente ao quilômetro 28 da via férrea.
8. Granito cinzento e feldspato quartzoso de um corte em Pedra Grande, entre Utinga e Cachoeira, à margem direita do Mundaú.
9. Semi-quartzo branco do leito de um riacho perto do Porto da Mungaba, em Pedra Grande.
10. Quartzito encontrado numa cavidade do grez da praia da Jibóia.
11. Massapé de uma coroa de terra na foz do Mundaú, na Barreta.
12. Tijolo cheio de concreções de molúsculos encontrado no “Félix Bandeira”.
13. Molúsculos do gênero “anodontites” tingido pelos óxidos de ferro, encontrado no Frechal.
14. Limonite compacto do Reginaldo.
15. Limonite pisolítica do Reginaldo.
16. Sanguínea hematite escura de Águas Férreas, Cruz de Almas.
17. Conglomerado limonítico da Galhofa, Lagoa do Sul.
18. Conglomerado limonítico do Frechal, Lagoa do Norte.
19. Hematite escura sangínea e óxido escuro terroso do quilômetro 10 da via férrea, entre Fernão Velho e Saruba.
20. Silexa da Bica da Pedra e do Engenho Velho, em São Miguel.
21. Folhelho petrolífero do Broma.
22. Folhelho petrolífero da Volta d’Água.
23. Folhelho petrolífero da Utinga.
24. Folhelho petrolífero do Broma, com diversos peixes fósseis eocênicos entre os quais o “dastilbe crandalli”.

## 25. Folhelho petrolífero da Volta d'Água com um peixe fóssil.

Além destes espécimes, a “Coleção Dr. Alfredo Brandão” possui muitos outros: uma pedra de fígado da cachoeira de Paulo Afonso, calcários conchiliano e *astraea punctifera* do Riacho Doce; xistos; um machado de pedra encontrado no engenho Hortelã na Lagoa do Sul; argila terrosa e um óxido de ferro do Suassuni, etc.

Dois espécimes ornitológicos; dois ofídios; um galináceo teratológico, nevroteros, coleópteros e lepidópteros, gasteropodes, lamelibranquios, zoofitos, equinodermos, balas da guerra holandesa e dos lisos e cabeludos de 1844, objetos filiados ao sangô, dois crânios encontrados no antigo aldeamento de índios de Santo Amaro, ex-votos paradoxalmente achados na cruz tumular de um bandido, etc.

.....

- (1) Neste lugar, na estrada que corta o rio, não vi o giz, mas existe nas nascentes e nas outras partes menos exploradas.
- (2) O solo nos terrenos baixos do Cadoz é vermelho e argiloso por causa das barreiras que desabam.
- (3) The Oil-Bearing Shales of the coast of Brazil, by John C. Branner, Stanford University, Cal., August, 1900.
- (4) Description of a collection of fossil fishes from the bituminous shales at Riacho Doce, State of Alagoas, Brazil, by David Starr Jordan, issued November 28, 1910.
- (5) Ver “Report on the Riacho Doce and Camaragibe Shale Deposits on the Coast of Brazil, near Maceió, by Boverton Redwood and William Topley, London, 1891. Apud John Branner, The Oil-Bearing Shales, etc.
- (6) The characteristic geologic sections on northeast coast of Brazil by John C. Branner, Washington, 1900.

- (7) Este nome Sete Coqueiros só é conhecido das pessoas mais antigas pois as sete palmáceas que o originaram – 4 do lado norte e 3 do lado sul – já desapareceram. Marcavam uma entrada da praia para o Trapiche, a qual ainda subsiste.
- (8) Estas como outras notas que vão ali me foram prestadas pelo sr. José Nicodemos Dias Cabral, parente do notável dr. Dias e descendente dos antigos Santa Maria, dos quais, como também de outros velhos parentes há muito falecidos, ouviu essas informações. Nicodemos hoje está velho e desiludido da vida; tem apenas para consolá-lo na velhice sem lar, sem amor, sem carinho – que é a coisa mais horrorosa, chegar ao poente da existência ou descer a Ladeira da Vida sem ter um braço amigo, um coração piedoso e fraternal – uma pobre e rala “capoeira” para os lados do Trapiche da Barra, que é a única relíquia que lhe resta da grandeza dos antepassados coloniais. Mas a sua ilusão ficará tão virginal que, se a minha palavra tivesse o dom de imortalizar qualquer grande amor, certo que eu te imortalizaria, meu bom Nicodemos, somente pelo gesto de adoração, de bondade piedosa, de tristeza mansa, de ingenuidade seráfica e ao mesmo tempo de ciúme profundo, com o qual me perguntaste (a mim, acostumado a ver as grandes selvas) certa vez, mostrando a triste “capoeira” como quem mostra uma filha amada, débil, fraquinha, cobiçada pelas almas vis que a querem devastar com o machado sacrílego:

- Não se parece mesmo com uma matazinha?!

Fidalgas palavras tão melancolicamente heróicas como outras que um estilista português nos conservou de Barbey d’Aurevilly. Alguns rirão talvez. Mas nas suas almas não se acolherá nenhum grande amor como o teu, minha pobre alma heróica e humana, meu orgulhoso e triste Nicodemos que, para te consolar na velhice dolorosa, só tiveste a alma verde e sofredora de uma capoeira de pequenos louro-cedros e ralas mapirungas!...

- (9) Afirmo isto porque quem me informou nesta parte disse que, segundo indicações dos seus pais, quando a barra da Barra Nova fechou, ela era novinha, porém já conseguia sentar-se. Ora, esta pessoa que é a sra. Lourença Maria da Silva, boa velhinha, lúcida, inteligente e conversadeira que fui descobrir na praia da Jibóia, durante uma excursão que fiz ao redor da ilha de Santa Rita, tem hoje uns 70 a 80 anos. Subtraindo-se 75 (meio termo entre 70 e 80) de 1917 temos 1842, que com toda plausibilidade é mais ou menos a data na qual a barra da Barra Nova foi obstruída. Contou-me que nesta ocasião houve muita fartura de peixes.

Algumas particularidades: a sra. Lourença não crê no padre Cícero, nem que os mortos venham visitar os vivos, o que é para estranhar nas nossas gentes do povo. É muito temente a Deus. Glorifica-se de ter comido “ceará” de \$200 a libra,

bacalhau a \$080, a mão de milho a \$120 e a carne fresca a 1\$ a “arroba”! Ainda se lembra com saudades da chegada do barco que conduziu “o reis”, isto é, D. Pedro 2º. E, como quase todos os velhos, é pessimista, tanto que denomina o mundo atual – mundo novo e sobre isso deu-me a seguinte quadrinha:

Ó mundo que fosses mundo.

Ó mundo que já se és

Ó mundo que estás virado

De cabeça para os pés!

Notas finais: como talvez o ilustre auditório ache o preço da carne muito baixo, tenho a contar que no Trapiche da Barra, há muitos anos, uma mulher censurou o marido porque comprou “uma vaca por 5\$”, tão caro ela achou! Ainda mais: segundo um documento extraído do 2º livro de vereanças da Câmara da “Vila de Santa Maria Madalena da lagoa do sul”, hoje cidade de Alagoas, documento do qual possuo uma cópia, o preço do peixe era esse em 1670: “curimã de meia banha por trinta réis e curimã de banha inteira por dois vinténs, carapebas sendo grandes coatro a vintém, camorins do tamanho de curimans a três por dois vinténs, sendo mais pequenos a dois a vinténs”! Ainda mais: segundo um documento holandês – o relatório de Johannes van Walbeck – em 1643, isto é, durante as nossas barulhadas com os flamengos, uma curimã fresca em Alagoas – vendia-se por 6 stuyvers ou um sheeling holandês, a curimã seca por 8 stuyvers e a capeba por um, isto é, dois grooten. Ora, o stuyvers era a vigésima parte do florim que naquela época valia muito pouco relativamente aos tempos de hoje, uns \$130 em moeda portuguesa. Portanto, cada curimã fresca vendia-se por uns \$040, as secas por uns \$050 a \$060 e as carapebas, três por um vintém – tudo em moeda portuguesa. Hoje o preço de uma curimã seca é mais baixo do que o de uma curimã fresca; o desta regula de 4\$ a 5\$. As carapebas grandes que já foram quatro por um vintém, custam hoje 1\$500 cada uma.

- (10) Este braço é anterior à escavação da atual levada, que é vestígio dele e sobre a qual o sr. dr. Oiticica escreveu detalhadamente, mostrando que data de 1828.